

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP

Gabriella Costa Pessoa

A percepção de adultos jovens sobre a perda de um irmão na infância: um estudo
exploratório

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO
2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC- SP

Gabriella Costa Pessoa

A percepção de adultos jovens sobre a perda de um irmão na infância: um estudo
exploratório

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Família e Comunidade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo à banca examinadora, sob orientação da Profa. Dra. Maria Helena Pereira Franco.

SÃO PAULO
2017

Ficha catalográfica

PESSOA, Gabriela Costa. A percepção de adultos jovens sobre a perda de um irmão na infância: um estudo exploratório.

São Paulo: 2017, 95 f.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Área de Concentração: Pós-Graduação em Psicologia Clínica

Orientadora: Professora Doutora Maria Helena Pereira Franco

Palavras-chave: Luto fraterno. Luto na infância a longo prazo. Luto. Criança e morte.

Banca Examinadora

Agradecimento especial ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo suporte financeiro para realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por poder exercer a profissão escolhida e por ter encontrado pessoas queridas e que me acrescentam ao longo da vida e da minha trajetória.

Agradeço aos meus pais e meus irmãos, que me apoiam como podem em todos os momentos. À minha mãe que compartilha comigo sua profissão e atenção. Meus irmãos, que me possibilitaram vivenciar o relacionamento fraterno aqui estudado. Sem eles, eu não chegaria até aqui.

À minha orientadora, Lele, que além de grande exemplo como pessoa e profissional, exerceu em sua melhor maneira diferentes papéis no decorrer do mestrado e em minha formação profissional, sendo figura importante desde a graduação.

Aos professores importantes para a construção da dissertação bem como para o conhecimento adquirido a longo das matérias realizadas, em especial, à Rosane Mantilla.

Aos colegas da pós graduação que compartilharam sentimentos, emoções e vivências, fazendo com que passassem a ser grandes amigos, em especial Erika, Cecília, Marcelo, Jessica, Cibele, Alessandra, Izabela, Carol, Natasha, Tati e Érika.

Agradeço a Gi e Dani, duas grandes companheiras de viagens acadêmicas e que em momentos me acolheram e ainda o fazem sendo mais do que grande amigas, como “mães”.

Aos colegas de profissão, em especial à Sueli, que participou ativamente da prática da pesquisa.

Aos amigos e colegas de graduação, supervisão e grupo de estudos, que compreenderam o momento e contribuíram como puderam. Em especial a Mari Freire, Ca Bianco, Gabriel Almeida, Lu Carneiro, Gabi Giberti, Thi Cordeiro e Natasha.

Agradeço à ONG Clínica Comunitária Grei e Associação Crescer Sempre, às pessoas que fazem parte dela, pois fui tão acolhida e me foi possibilitado aprender e aperfeiçoar meu trabalho. Em especial, Paula Morelli, Roberta Longo, Sônia de Barros e Amélia Char.

Agradeço aos grandes amigos que, sempre ao meu lado, muitas vezes me ouviram reclamar e pensar em desistir. São eles: Carol Cunha, Bia Cunha, Daniel Martinez, Andrea Muro, Mariana Mansur, Amanda Lopes, Mariana Moryia, Susana Almeida, Tarsila Sato, Lia Luz, Juliana Vargas, Dani Lopes, Filipo, Bia Lobo, Lilian, Jaque, Gustavo.

Aos familiares que acompanharam tal processo.

Agradeço às pessoas que no dia a dia fazem a diferença e contribuíram para o trabalho, entre eles: Reinaldo, César, Tico e Paula.

Por último, agradeço os participantes que, além de contribuir, tornaram possível tal estudo.

Irmão, Irmãos
Cada irmão é diferente.
Sozinho acoplado a outros sozinhos.
A linguagem sobe escadas, do mais moço,
ao mais velho e seu castelo de importância.
A linguagem desce escadas, do mais velho
ao mísero caçula.

São seis ou são seiscentas
distâncias que se cruzam, se dilatam
no gesto, no calar, no pensamento?
Que léguas de um a outro irmão.
Entretanto, o campo aberto,
os mesmos copos,

o mesmo vinhático das camas iguais.
A casa é a mesma. Igual,
vista por olhos diferentes?

São estranhos próximos, atentos
à área de domínio, indevassáveis.
Guardar o seu segredo, sua alma,
seus objectos de toalete. Ninguém ouse
indevida cópia de outra vida.

Ser irmão é ser o quê? Uma presença
a decifrar mais tarde, com saudade?
Com saudade de quê? De uma pueril
vontade de ser irmão futuro, antigo e sempre?

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

PESSOA, G. C. **A percepção de adultos jovens sobre a perda de um irmão na infância:** um estudo exploratório. 2017. 95 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

Entre os acontecimentos que podem alterar a dinâmica de uma família, a morte é um evento que requer respostas adaptativas. O luto ocorre quando há vínculo com a pessoa perdida. Seu processo engloba uma diversidade de aspectos subjetivos próprios a cada perda. A compreensão da morte por crianças difere da compreensão de um adulto, conforme seu nível de desenvolvimento. Uma perda ocorrida na infância será revisitada e ressignificada ao longo da vida, uma vez que a relação fraterna traz consigo potencial para vivências intensas e variadas. Ao perder um irmão, perde-se a possibilidade de um futuro junto a alguém da mesma geração, com quem se compartilham as origens familiares. Uma criança que perde um irmão possui pais também enlutados, que podem não conseguir proporcionar o ambiente necessário para seu desenvolvimento saudável. O estudo exploratório teve como foco o luto de irmãos a longo termo, buscando compreender a percepção do adulto jovem sobre a perda do seu irmão. Utilizou-se o método qualitativo com análise de discurso aplicada à entrevista em um único encontro realizada com dois adultos jovens de 18-35 anos participantes da pesquisa que perderam irmão(ã) entre 0-12 anos na infância. O processo de luto foi compreendido a partir das categorias: compreensão da morte na infância; participação nos eventos relacionados; reações ao luto; encontrar refúgio; luto dos pais; comunicação; suporte; luto não reconhecido; ter outro filho; recorrência; fantasia; curiosidade; ambiguidade; mundo presumido; religião; crescimento pessoal; vínculo contínuo; terapia. Os resultados apontam que a perda de um irmão na infância pode produzir transformações em diferentes aspectos do desenvolvimento emocional da vida do enlutado e que versar sobre o luto é benéfico.

Palavras-chave: Luto fraterno. Luto na infância a longo prazo. Luto. Criança e morte.

ABSTRACT

PESSOA, G. C. **The young adult's perception of the loss of a sibling during childhood:** an exploratory research. 2017. 95 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

Among all happenings capable of altering one's family dynamics, the death is one to require adaptive answers, especially in regard of the ensuing grief. Bereavement occurs whenever there was a bond with the deceased person. Its process entails a variety of subjective aspects, unique to each loss. For children, the understanding of death differs from the adult experience, according to the child's developmental stage. A loss occurred during childhood will likely be revisited and resignified throughout a lifetime, regarded that the bond between siblings bears potential for intense and diverse life experiences. When one loses a sibling, also loses the possibility of a future shared with someone from the same generation, who partakes the same family origins. In addition, a child who loses a sibling has grieving parents that may not be able to provide the needed atmosphere for a healthy development. The exploratory research focuses on long-term sibling bereavement, aiming to understand better how the loss of a sibling during childhood reflects into adulthood. We used the qualitative method with discourse analysis applied to a single meeting interview with two young adults of 18-35 years old who lost a 0-12-years-old brother or sister during childhood. The grief process was understood from the categories: understanding of death in childhood; participation in related events; grief reactions; find refuge; parental grief; communication; support; disenfranchised grief; having another child; Recurrence; fantasy; curiosity; ambiguity; presumed world; religion; personal growth; continuing bond; therapy. The results indicate that the loss of a brother or sister during childhood can produce changes in different aspects of the emotional development of the life of the bereaved and that talking about it is beneficial.

Key words: Siblings grief. Long-term childhood grief. Grief. Children and death.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	12
2 RELAÇÃO FRATERNA	18
3 LUTO	24
3.1 CONTEXTO DA CRIANÇA ENLUTADA	27
3.2 A CRIANÇA E O LUTO	32
3.3 LUTO PELA PERDA DE UM IRMÃO	36
4 OBJETIVO	44
5 MÉTODO	45
5.1 A ESCOLHA DO MÉTODO	45
5.1.2 Recrutamento dos participantes	46
5.2 PARTICIPANTES	46
5.3 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS	48
5.3.1 Local	49
5.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS	49
5.5 CUIDADOS ÉTICOS	50
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	52
6.1 DESCRIÇÕES DAS CATEGORIAS	53
6.2 ANÁLISE DOS CASOS	54
6.2.1 Caso 1	54
6.1.2 Caso 2	65

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	72
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista	93
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	94

APRESENTAÇÃO

No presente trabalho, a relevância do tema de estudo para a prática clínica e para a comunidade acadêmica é significativa. Apresento abaixo os motivos da escolha deste tema assim como de sua persistência em minha vida pessoal.

Meu primeiro contato com o “luto” ocorreu durante a graduação em psicologia, quando perdi um grande amigo em um acidente inesperado. Companheiros de longa data, havíamos crescido muito próximos, e eu o considerava um irmão. Na oportunidade, questionei se era o melhor momento para cursar a matéria eletiva “Morte e Luto”, que eu havia escolhido no semestre anterior. Algo, contudo, manteve-me focada no tema, apesar da sensibilidade causada pela perda recente. Foi então que conheci a Profa. Dra. Maria Helena Pereira Franco, sob cuja orientação e tutela, realizei minha jornada de pesquisa e aperfeiçoamento no tema do luto.

Finda a graduação, comecei a trabalhar com atendimento clínico junto à ONG Clínica Comunitária Grei, em Paraisópolis, região metropolitana de São Paulo de grande vulnerabilidade social. Desenvolvi, além disso, a atividade de aprimoramento junto à Clínica Ana Maria Poppovic. Tive, na oportunidade, um segundo contato com a Profa. Dra. Maria Helena Pereira Franco, realizando triagens no Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto (LELu-PUC).

A partir dessas experiências, percebi a importância e a relevância do luto para a vida daqueles que perdem alguém. Com foco continuado no tema, decidi prolongar o aprimoramento por mais um ano, já na modalidade de psicoterapia para enlutados. Naquele mesmo ano, deparei-me com um caso em Paraisópolis de um garoto de 9 anos que se encontrava completamente desorientado após a perda de seu irmão de 12 anos. A narrativa por trás da morte do irmão desse menino, assim como a história de vida de sua família, é digna de gerar grande revolta, trazendo ao ouvinte a nítida sensação de se ter as mãos atadas perante tantas injustiças.

Atendi este menino por período determinado, no qual abordamos o luto pelo irmão em algumas sessões. Para além deste atendimento específico, senti a necessidade de compreender os motivos de ele ter ficado tão perdido diante da morte do irmão. Queria entender se era algo relacionado à sua idade no momento da perda, aos eventos que causaram a morte do irmão ou a qualquer outro fator.

Ao ingressar no mestrado, ainda que tivesse em minha mente dois temas distintos, não hesitei em optar pelo estudo do luto decorrente da perda de um irmão. O tema me atraiu por conta da dimensão que tal perda adquire na vida de uma pessoa, com a produção de efeitos sobre diferentes áreas de sua vivência. No momento da pesquisa, a pouca literatura sobre o tema em português foi um obstáculo, mas preferi insistir na investigação do que é a perda de um irmão e como ela pode ser encarada. Nesta longa jornada, tive apoio amplo e cuidadoso da Prof. Dra. Maria Helena, que, assim como eu, manteve-se dedicada ao desejo de aprofundar o tema.

Ao abordar o assunto com pessoas de meu convívio, pude perceber a existência de muitas que, tendo perdido seus irmãos, não discutiam o assunto abertamente. Convenci-me da importância desta questão, curiosa sobre a amplitude deste tipo de perda na vida de uma pessoa. São esses os motivos que envolveram o despertar de meu interesse pelo luto da perda de um irmão, tema este que, ainda depois de desenvolvido este trabalho, continua a exercer sobre mim renovado fascínio. Espero que as contribuições deste trabalho representem um pequeno passo para a melhor compreensão desta perda no contexto acadêmico e no *setting* terapêutico, ainda que persistam muitos de seus mistérios.

INTRODUÇÃO

Os estudiosos sobre família (BROWN, 1995; CERVENY, 1997; RELVAS, 2003; RELVAS; ALARCÃO, 2007; WALSH e MCGOLDRICK, 1998) apontam que, no seu ciclo de vida, diversos eventos alteram sua dinâmica, como o nascimento de um filho, a criação dos filhos e sua saída de casa, a aposentadoria e a morte dos entes familiares. A ocorrência desses eventos não apenas produz mudanças como requer adaptações que ensejam novas composições e reorganizações.

Na família, as relações são interdependentes e possuem processos de formação e de manutenção próprios. O relacionamento entre irmãos é uma das relações interdependentes possíveis e, como todo relacionamento, possui seus processos de formação, manutenção e interrupção. Segundo Oliveira e Cerveny (2010), o relacionamento fraterno é um espaço no qual as relações sociais são experimentadas, contribuindo para construir relações que serão vivenciadas com pessoas fora da família ao longo da vida.

É neste cenário que se apresenta a experiência da morte, complexa e desafiadora para o ser humano. Kovács (2010) aponta que a morte violenta sempre existiu, porém, nos dias atuais, a violência é transmitida em todos os meios de comunicação, e as notícias são propagadas mundialmente em poucos minutos. A superexposição da morte pode levar à sua banalização, validando, assim, a necessidade de espaços para discussão e reflexão sobre o tema.

O reflexo desta situação pode afetar a aquisição do conceito de morte, mesmo que esta ocorra em processo gradual, ao longo da vida. Irmãos, que são o foco desta pesquisa, reagem à morte de diversas formas, e suas reações devem ser consideradas à luz de sua idade, nível de desenvolvimento e compreensão do conceito de morte (DAVIES, 1999).

Este trabalho fundamenta-se na proposição de que, mesmo havendo muito a estudar sobre luto, conforme afirmam Brown e Goodman (2005), pode-se dizer que há aspectos já definidos, como considerar que o processo de luto não tem duração determinada (FRANCO, 2010; ROSENBLATT, 1996; WORDEN, 2009), abriga reações que podem ou não se diferenciar entre luto complicado e luto normal (COOPER, 2013; KASTEMBAUN, 2008; RANDO, 2013) e que o conceito de normalidade no luto é sensível a implicações variáveis conforme a cultura do local onde é vivenciado (KLASS; CHOW, 2011; ROSENBLATT, 2013).

São, portanto, diversos os fatores presentes na compreensão do luto. Ao discutí-los na atualidade, Franco (2010) ressalta o cuidado necessário para que essa compreensão vá além do perigo de uma rotulação entre normal e patológico. A autora, ademais, discute novas maneiras de se pensar o luto como o processo de construção de significados durante a elaboração do luto (NADEAU, 2008) e os vínculos contínuos, como uma forma de vivenciá-lo (STROEBE et al., 1996; FIELD, 2008).

Baum, Ginat e Silverman (2014) discutem o espectro das reações do luto quanto ao que pode ser considerado normal ou não e apontam que a perda acompanha o enlutado em todo o seu ciclo vital, não havendo completude enquanto acomodações são realizadas.

Aos pais que perderam um filho, porque estão envolvidos em seus processos de luto, permanece o desafio de lidar com um novo cenário no qual estão também os irmãos sobreviventes, os quais passam, então, a lidar com os pais enlutados, em lugar dos pais reasseguradores (BUCKLE; FLEMING, 2011b; LUECKEN, 2008; MURPHY, 2008; SANDLER et al., 2001).

Akard et al. (2014), ao pesquisar pais e irmãos enlutados, retratam a dificuldade em conseguir participação para o estudo, apontando que para algumas famílias enlutadas pode ser muito difícil abordar tal tema, principalmente no primeiro ano da perda. Nesse sentido, os pesquisadores entenderam como apropriado determinar a recusa em participar depois de três tentativas de contato não bem sucedidas. Este aspecto, sem dúvida, apresenta razões para a recusa em visitar a experiência da perda de um irmão, ainda que seja para colaborar com uma pesquisa.

Em contrapartida, Davies e Limbo (2010) identificam que os irmãos enlutados percebiam, ao longo das entrevistas, o ato de falar sobre o tema como algo terapêutico, ainda que não fosse este o objetivo das pesquisadoras.

Parkes (1998) discute a dificuldade de pesquisar luto a longo prazo. É difícil saber seguramente a contribuição para o objeto em investigação, pois, conforme o tempo passa, sucedem-se na vida das pessoas novos acontecimentos, que adquirem novos sentidos. O esquecimento pode ocorrer pela simples passagem do tempo, mas também como consequência de uma perda gradativa da memória que não é utilizada (IZQUIERDO, 1989). Na pesquisa, trabalharemos com o que os adultos se lembram sobre questões relacionadas à perda, chamado de memória de evocação:

Desde um ponto de vista prático, a memória dos homens e dos animais é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências; a aquisição de memórias denomina-se aprendizado. As experiências são aqueles pontos intangíveis que chamamos presente. (IZQUIERDO, 1989, p. 89).

Um artigo de revisão sistemática da literatura sobre luto fraterno na infância e adolescência (RAMOS, 2015) selecionou 39 artigos em setembro de 2014. Deles, apenas dois foram realizados no Brasil. Destaca-se a importância de pesquisar este tema, sobretudo voltado para a população brasileira, carente de publicações com este foco.

Assim sendo, o tema necessita ser amplamente estudado, com população brasileira, pelas implicações que o luto fraterno apresenta para a saúde mental da pessoa em diversos momentos do ciclo vital, para dar visibilidade e validação para o luto da criança, mesmo que este só venha a receber atenção na vida adulta.

SOBRE PERDA DE IRMÃO NA INFÂNCIA

Com a perda de um irmão, descortina-se para a criança a vivência desse luto por morte. Ela se priva da experiência potencial de envelhecer com quem se relacionou na infância. Perdera a expectativa de planos futuros junto ao irmão e de compartilhamento de momentos marcantes no ciclo vital. Para a criança que vivencia a perda, desenvolve-se luto com contornos próprios, podendo vir a necessitar de suporte para essa elaboração ao longo de seu desenvolvimento individual, além de trazer mudanças para a configuração familiar, com a criança sobrevivente vivenciando um novo papel, podendo ser de filho único. (BUCKLE; FLEMING, 2011b; DAVIES, 1999, 2000; DAVIES; LIMBO, 2010; MARSHALL; DAVIES, 2011; MORRIS et al., 2016; MURPHY, 2008). A morte de um irmão é, portanto, potencialmente um evento traumático, sendo irmãos os membros da família frequentemente negligenciados quando outra criança morre. (DAVIES, 1999, 2000).

A perda de um irmão na infância é em grande parte determinada por fatores individuais, situacionais e do ambiente, juntamente com as reações dos pais a essa perda e como estes expressam o próprio luto e o vínculo contínuo (DAVIES, 1999; PACKMAN et al., 2006). Devita-Raeburn (2007) encontrou que pessoas que perdem um irmão “carregam” seu irmão falecido no decorrer da vida como “companheiro de

viagem”, uma forma de vínculo contínuo. Vínculo contínuo é assunto prevalente no estudo de luto de irmão na infância (FOSTER et al., 2012; NAUMANN, 2015; PACKMAN et al., 2006). Expressões de vínculos contínuos são influenciadas pelo relacionamento com o irmão (DAVIES, 1999; PACKMAN et al., 2006).

A experiência da perda de um irmão possui efeitos profundos e duradouros para os irmãos sobreviventes (PACKMAN et al., 2006). Nesse sentido, o luto de irmão se faz presente ao longo do ciclo vital e é significativo como pontuado: “De fato, histórias de irmãos indicam o impacto de tal morte que permanece durante toda a vida, sempre influenciando irmãos nos seus modos de ser no mundo” (MARSHALL; DAVIES, 2011, p. 107).

O campo de estudos sobre perda de irmão é relativamente novo, e por isso possui seu caráter exploratório. Aqui, abordamos os principais estudos encontrados sobre a perda de um irmão na infância e seus reflexos a longo termo.

Para compreender efeitos da perda de um irmão na infância a longo prazo, Davies (1995) entrevistou pessoas de 21 a 75 anos e constatou que todos os irmãos relataram pensar com frequência no irmão, mesmo os que falam pouco sobre o irmão perdido; tiveram, ou ainda têm, sonhos com o irmão perdido; e há, ainda, a possibilidade de isolamento como reação ao luto. Encontrou também nos participantes o relato de sentirem-se diferentes das outras pessoas e de sentirem-se sozinhos, experiência de crescimento pessoal (maturidade e crescimento psicológico), o sentimento de não ser completo, além da percepção de como a vida seria diferente.

Davies (1995) conclui com tal pesquisa que há suporte a ser oferecido para a criança e a família enlutada. Considerou também que os pais são instrumentos importantes para proporcionar um ambiente ideal para a criança enlutada. Davies (1995, p. 97) afirma que: “Os efeitos de perder um irmão para a morte são duradouros e penetrantes. Luto de irmão é uma jornada individual em que não se deve esperar limite algum de tempo ou, ainda, um caminho determinado. (tradução nossa)”.

Foster et al. (2012) por meio de entrevistas com pais, mães e os próprios irmãos buscaram compreender alterações observadas em irmãos após a morte de uma criança por câncer. Dos participantes, 69% reportaram mudanças pessoais em relação à perspectiva de vida/objetivos, atividades e interesses, desempenho escolar e mudanças na personalidade, 42% notaram diferença nos relacionamentos

com membros da família e companheiros e 21% não notaram mudanças atribuídas à morte. Dessa maneira, percebemos a alteração em algum sentido ressaltando a importância do tema.

Pensando na perspectiva da família, Krell e Rabkin (1979) identificaram três reações da família enlutada em relação ao filho sobrevivente: famílias que enfatizam o silêncio e focam na culpa, famílias que comparam esse(a) filho(a) com o(a) filho(a) incomparável e famílias nas quais a substituição e a recolocação tornam-se o tema mais importante. A terapia possui papel importante para trabalhar as questões não resolvidas.

Filhos se preocupam com o luto dos pais (BARRERA et al, 2013; DAVIES, 1999; PACKMAN et al., 2006), possibilitando diversas reações como cuidar dos pais, sentirem-se responsáveis e protetores, não expressar o próprio luto ou se preocupar em aborrecer os pais.

Kempson e Murdock (2010) realizaram um estudo com pessoas que perderam irmãos não conhecidos. Este é parte e faz parte da história dessa família, afetando ou não diretamente o irmão que nasce depois. O conceito de narrativa – “*storying*” – criado por Neimeyer (2001) foi utilizado por esses autores para conduzir lembranças e conexões do irmão nunca conhecido como tentativa de dar significado à morte deste. As narrativas exploradas no estudo refletem o senso da perda de não terem conhecido seus irmãos como guardiões de memórias – “*memory keepers*”. Nesse caso, o vínculo e a segurança ocorrem com uma projeção simbólica (representação interna). Os temas principais destacados pelos autores são: vínculo contínuo (para manter a memória), perda pessoal/não reconhecida e construção de significado. Os autores ressaltam que luto por irmão já é um luto não reconhecido, irmãos não conhecidos possibilitam mais tal invisibilidade.

Naumann (2015) descreveu os principais aspectos da perda de irmão: vínculo contínuo, necessidade do irmão ser envolvido no processo da morte, necessidade de reprocessar a morte e importância de apoderar o sistema familiar.

Dickens (2014) apresenta fatores de risco não determinantes para luto complicado pela perda de irmão, como enfrentamento do luto pelos pais, tempo que passou da morte, tipo de morte, sistemas de suporte familiar e de relacionamentos, intervenções terapêuticas, nível de desenvolvimento quando ocorreu a perda e a ideia de encontrar significado na vida após a perda.

Quanto ao tipo de morte, ressalta que mortes repentinas por acidentes ou suicídio podem causar um impacto importante na família quando comparado a mortes por doenças crônicas.

Posto que é tema de grande relevância, o luto pela perda de um irmão deve ser compreendido em sua totalidade e considerado ao longo do ciclo vital. Nos capítulos a seguir, buscamos entender a relação fraterna, o luto de uma criança e as especificidades do luto de um irmão dentro do sistema familiar, afim de compreender o luto decorrente da perda de um irmão na infância a partir da percepção do agora jovem adulto.

2 RELAÇÃO FRATERNA

O relacionamento de irmãos se inicia no momento em que a existência do outro é conscientizada. O filho que antes era único, ocupava este lugar na família e nascera em um contexto de expectativas dos pais deve se adaptar às novas experiências caracterizadas pela mudança de posição dentro do núcleo familiar. A vantagem do nascimento de um irmão é que as projeções familiares e parentais passam a ser compartilhadas. Bradt (1995) notabiliza que a entrada de um irmão no sistema familiar é decorrente da disponibilidade dos adultos no cuidado com a criança, uma vez que a chegada de uma criança já é um desafio e evoca mudanças no sistema familiar como um todo.

A interdependência, característica do relacionamento entre irmãos numa mesma família, possui peculiaridades (CICIRELLI, 1995): compartilham algum grau de origem biológica comum, compartilham legalmente o relacionamento ou compartilham regras e normas culturais de compromisso ou socialização em algum grau.

O relacionamento entre irmãos é um subsistema com suas próprias regras e efeitos. Para estudar padrões do relacionamento fraterno, é necessário se familiarizar intimamente com tal subsistema por um longo período de tempo, posto que a relação se transforma ao longo do tempo e diante das circunstâncias da vida. A respeito disso, Bank e Kahn (1997) ressaltam a falta de importância dada a este subgrupo por teóricos da sistêmica e retratam a dificuldade de investigar questões que cercam o relacionamento fraterno.

Souza e Ramires (2006) retratam a família moderna e pós-moderna ressaltando as mudanças da natureza das experiências psicológicas com as novas configurações familiares. As famílias pós-modernas provêm de um novo modelo de casamento constituído por livre escolha, com maior espaço para reflexão e questionamento quanto a divisão de papéis, produzindo relacionamentos mais democráticos também entre pais e filhos.

A modernidade consente maior interdependência na relação fraterna devido às transformações ocorridas. Bank e Kahn (1997) assim caracterizam: prolongamento do ciclo vital devido ao aumento da expectativa de vida, diminuição do tamanho da família intensificando os inter-relacionamentos, divórcio e múltiplos

casamentos, mobilidade geográfica, entrada da mulher no mercado de trabalho determinando novas circunstâncias para o cuidado da criança, pressões da competição no mercado de trabalho, estresse e insuficiência parental.

Há características únicas que permeiam o relacionamento fraterno identificadas por Cicirelli (1995) e elencadas a seguir:

- É frequentemente o relacionamento mais duradouro vivenciado pelo indivíduo ao longo de sua vida;
- É um *status* obtido no nascimento para o qual não há ritual ou celebração, não havendo, portanto, dissolução no decorrer do tempo – apenas a morte de um dos irmãos traz um fim à relação, mas não ao *status*.
- Na infância e na adolescência, o contato tende a ser mais íntimo e frequente decorrente do cotidiano, enquanto na fase adulta há maior distanciamento físico, sujeitando-se a mudanças decorrentes de eventos da vida produzindo menor contato e intimidade.
- O relacionamento fraterno é visto como igualitário e verifica-se medida de isonomia na interação entre irmãos, que se identificam como iguais mesmo havendo diferenças entre si.
- Ao longo de suas histórias de vida, irmãos vivenciam experiências compartilhadas e não compartilhadas, que podem contribuir ora para sua identificação, ora para sua diferenciação individual.

Por ser geralmente iniciada na infância, a relação fraterna é considerada um fator determinante na construção da identidade e da personalidade de cada indivíduo. Por meio da relação, ocorre a conexão entre duas identidades, possibilitando o senso de ser único como indivíduo e ao mesmo tempo pertencente a uma mesma família. Esse modelo é complementado em níveis consciente e inconsciente, possibilitando lidar com o irmão como uma pessoa previsível (BANK; KAHN, 1997). Tal fenômeno possibilita uma base segura para o crescimento e a busca de novos desafios dentro e fora da família.

Conforme a Teoria do Apego proposta por John Bowlby (1982), o indivíduo estabelece vínculos afetivos ao longo do ciclo vital iniciados no nascimento; suas experiências de ligação ocorridas nos primeiros anos de vida refletem-se nos padrões de apego ao longo da vida. As manifestações dos comportamentos

de ligação variam de acordo com idade e sexo. Nesse sentido, ao haver separação das figuras de apego, lida-se com as reações ocorridas de acordo com seus padrões de apego: seguro, ansioso-ambivalente, evitativo.

Um vínculo muito forte pode ser concebido entre irmãos. Este é chamado de “vínculo de apego”, no qual um irmão representa uma base segura para o outro, de modo a suprir necessidades e a prover conforto e segurança. Na literatura sobre o tema, Oliveira (2005) apresenta que irmãos podem ser figuras de apego ao longo de todo o desenvolvimento, especialmente na infância, na fase adulta e na velhice.

De acordo com Bank e Kahn (1997), a chave para o vínculo fraterno é a acessibilidade, principalmente durante a infância. Nesse período do desenvolvimento, a influência pode ser rica por compartilharem experiências e rotinas. Quanto mais cedo se inicia o acesso, quanto mais prolongado for e quanto mais semelhanças tiverem (idade, sexo), mais intensa será essa relação. Nesse sentido, a baixa acessibilidade ocorre geralmente quando há diferenças – de idade, pais, amigos, escolas – entre os irmãos, quando não há histórias e atividades compartilhadas, um sente que não precisa do outro.

A qualidade da relação entre irmãos pode variar em todas as fases da vida, conforme múltiplos aspectos situacionais como oportunidade de convivência, o sexo do irmão, a diferença de idade, o temperamento, posição, intervenções parentais, história familiar, problemas biológicos e os eventos da vida previsíveis ou não (casamento, divórcio, morte, doença, nascimento). (BANK; KAHN, 1997; CICIRELLI, 1995; OLIVEIRA; CERVENY, 2010).

Cicirelli (1995) aborda características que influenciam a qualidade do relacionamento fraterno; são elas: temperamento, nível de coesão e expressividade emocional da família, tratamento e influência dos pais com os filhos (diferencial ou não), diferenças genéticas. Além disso, o número de irmãos e a posição deles numa mesma família denotam o tipo de relação que podem ter.

Há fatores sociais externos que influenciam diretamente a fratria; são eles: gênero, situação econômica da família, contexto social e cultural, localização geográfica, compreensão cognitiva e social, momento do ciclo de vida da família de origem/pais, atitudes e fatores emocionais dos pais (BANK; KAHN, 1997). Ainda que os irmãos sejam membros de uma mesma família, há características individuais estáveis e outras que se transformam ao longo da vida, características particulares do relacionamento da díade específica.

Para que o relacionamento entre irmãos, caracterizado pela amplitude de elementos irracionais e por ser uma relação ambígua e paradoxal, desenvolva-se como uma forte união é necessária a realização de três condições colocadas por Bank e Kahn (1997), a saber: o grau de acesso entre eles, a necessidade de uma identidade significativa e a influência parental insuficiente. A influência parental diz respeito ao cuidado parental, que sendo insuficiente intensifica o relacionamento entre irmãos, podendo ser benéfico ou prejudicial.

Em relação às similaridades e diferenças pertinentes à relação fraterna, Bank e Kahn (1997) constataram oito processos de identificação, alguns transitórios e outros não, agrupados em três grupos:

- 1) Identificação próxima: cada um sente pouca diferença e grande similaridade em relação ao irmão.
- 2) Identificação parcial: cada pessoa sente alguma similaridade e alguma diferença no que tange o irmão.
- 3) Identificação distante: cada um sente grande diferença e pouca similaridade em relação ao irmão.

Segundo os mesmos autores (BANK; KAHN, 1997), a construção do vínculo entre irmãos ocorre a partir de processos abarcadores que criam o sentimento de proximidade – incorporação, combinação/aliação, pareamento e espelhamento – e processos defensivos que geram sentimentos de diferença – negação, projeção, e identificação projetada.

Irmãos tendem a se organizar em pares, e essa constituição é mediada pelas projeções parentais de seus relacionamentos com seus próprios irmãos. Irmãos constroem seus vínculos produzindo comparação e identificação, por isso produzem diferentes relações entre si com diferentes graus de proximidade afetiva em cada díade. Cicirelli (1995) esclarece que a relação fraterna quanto ao grau de proximidade pode variar da extrema proximidade à total apatia.

Relacionamentos de irmãos abordam temas como ciúme, rivalidade, competição, solidariedade, cumplicidade e amizade. Embora o laço fraterno seja forte fonte de apoio, este apresenta-se permeado por conflitos que serão enfrentados ao longo da vida, especialmente em situações de necessidade.

Nessas situações, o relacionamento pode se intensificar em momentos de estresse e mudança, dependendo do momento em que os irmãos se encontram no ciclo vital. A mudança altera padrões de responsividade e cooperação.

Ter somente um irmão aumenta o potencial de interdependência na relação, intensificando assim o relacionamento exclusivo, uma vez que permite ter maior influência de um para o outro. A intensidade e o limite da díade ao ter só um relacionamento faz com que o irmão seja o único ponto importante de referência, sendo o único com quem se pode compartilhar e identificar acontecimentos críticos da vida (BANK; KAHN, 1997).

Sobre o comportamento etológico, os relacionamentos entre irmãos possuem fases de rivalidade agressiva intercaladas por fases de brincadeiras amigáveis. A experiência fraterna é caracterizada pela rivalidade e pela distinção entre afeição e rejeição, sendo considerada, portanto, um relacionamento ambivalente. Conforme observações etológicas, eles podem ser surpreendentemente tolerantes com seus irmãos mais novos enquanto ainda são pequenos. Com o passar do tempo, é pautada por relacionamento de íntima amizade. Assim, irmãos possuem papel importante na socialização (IRENAUS, 1989).

Sobre o curso do desenvolvimento do relacionamento fraterno, ressaltamos que, na infância, a relação entre irmãos é entendida como partilha de espaço, interação constante e estável e ao mesmo tempo conflituosa em virtude da disputa pela atenção dos pais. Nessa etapa, a qualidade do vínculo é permeada pelos pais. Souza, Maciel Junior e Lima (2013) referem que na adolescência há maior espaço para escolhas de relacionamento. Nesta fase, há busca pela diferenciação e outras opções de identidade fora do sistema familiar, com momentos de proximidade e afastamento.

Cicirelli (1994) aponta que qualidades positivas do relacionamento como confiança e compreensão diminuem consideravelmente durante a adolescência e são retomadas no início da fase adulta, etapa em que irmãos podem ser figuras especiais de apego, garantindo a sensação de proteção e segurança.

Como já abordado, é na relação fraterna, uma relação imposta, que se aprende a dividir e compartilhar experiências, vivências e lembranças, construindo uma história e o vínculo fraterno em si. Esse vínculo pode ser positivo e afetivo, mas também pode ser negativo e destrutivo.

Outro fator presente na relação fraterna e importante para a proximidade é a lealdade, que pode ou não ser recíproca (BANK; KAHN, 1997).

A relação entre irmãos, assim como sua evolução, é um processo contínuo e dinâmico, objeto de mudanças nas diferentes fases da vida. Quando o vínculo é forte na infância, tende a se manter forte durante todo o ciclo vital e em situações de crise, pois a memória da infância tende a ser ativada. A proximidade do relacionamento pode transformar-se de modo que o mesmo vínculo adquira novos significados no decorrer das diversas fases da vida.

Por meio de comportamentos e sentimentos ambivalentes conduzidos por irmãos, os indivíduos podem aprender a se diferenciar com base na identificação e no conhecimento do irmão como outro, construindo a autoestima. A relação fraterna interfere na construção de identidade do indivíduo para si e em seu contexto familiar.

No caso de irmãos que possuem algum tipo de doença, BANK E KAHN (1997) reportam que todos os irmãos entrevistados por eles, em algum momento, demonstraram preocupação em ter o que seu(s) irmão(s) tinha(m). O preço de ser “normal” surge com o senso de responsabilidade ao mesmo tempo em que há o desejo de se distanciar emocionalmente e seguir com a própria vida. Culpa por sentimentos de raiva acompanham irmãos não doentes.

Sobre o tema da relação entre irmãos, Wahba (1993) aborda o conceito de arquétipo. O arquétipo do irmão, constituído por um lado sombrio e também por um lado luminoso. Em suas palavras: “O irmão eterno está dentro de nós e nos transmite sua divina centelha para iluminar nossa finitude” (WAHBA, 1993, p. 15). O laço de fraternidade, nesse sentido, possibilita-nos a vivenciar parceria, cooperação, apoio e amor. Com o auxílio de mitos, a autora ressalta o aspecto positivo do relacionamento que pode ser vivenciado diferentemente pelo masculino e pelo feminino, suscitando aspectos de cada um no relacionamento fraterno.

3 LUTO

Para realização da presente pesquisa, muito foi lido e estudado sobre luto de um irmão. Antes de nos aprofundarmos nas especificidades do luto de um irmão, é necessário compreendermos o processo de luto como um todo.

Ao abordar os efeitos do rompimento de vínculo afetivo, Bowlby (1982) esclarece que não sentimos amor e pesar por qualquer indivíduo, mas sim por aqueles por quem nos sentimos atraídos de alguma forma, com os quais há o chamado “vínculo afetivo”.

O processo de luto é vivido em sua singularidade, assim como a relação que foi rompida. (FRANCO, 2010; PARKES, 1998; WORDEN, 2009). A perda de uma mesma pessoa será vivenciada de formas diferentes para membros de uma mesma família (WALSH; MCGOLDRICK, 1998). Para abranger o luto em sua totalidade, é necessário perceber a natureza do relacionamento que foi perdido, o tipo de apego, circunstâncias da perda, personalidade e história do indivíduo, suporte social, estresses simultâneos à perda, saúde e capacidade de elaboração (WORDEN, 2009).

Ao abordar as mudanças na identidade que ocorrem a partir da perda, Parkes (1998) esclarece que nosso modelo interno precisa ser constantemente atualizado. Desde o nascimento, construímos um modelo interno de mundo, com concepções que nos orientam no modo de agir e pensar. Ao ter uma perda, esse modelo passa por uma revisão para que se adapte à realidade atual. É um trabalho de elaboração necessário.

A intensidade das reações do luto diminui com o passar do tempo à medida que o indivíduo se adapta à perda, de maneira que seja capaz de seguir o curso da vida o mais próximo de quanto o fazia antes de esta ocorrer. Nesse sentido, pensamentos sobre o falecido, sobre o evento da perda e sobre o mundo pós-morte são reestruturados (FRANCO, 2010; RANDO, 2013; WORDEN, 2009).

Ocorrem entre estudiosos do luto discussões frequentes acerca do curso do luto no que se refere ao que é complicado ou não e se deve ser considerado transtorno no caso de ser “complicado” (COOPER, 2013; RANDO et al., 2012; ROSENBLATT, 2013). Nesse sentido, é fundamental identificar aspectos como perda de liberdade, ausência de reações à perda e adaptação à realidade.

A questão da classificação é importante para que o enlutado possa ser bem acompanhado clinicamente. O fator crítico é levar em consideração a cultura do enlutado, pois a distinção entre o que é apropriado e o que é excessivo é culturalmente delineado (COOPER, 2013; KASTEMBAUN, 2008; RANDO, 2013).

Um processo descrito por Robert Neimeyer (2001) é o de construção e reconstrução de significado, processo realizado com a narrativa das histórias dos enlutados. Nesse curso, a pessoa não pode retornar a um nível de funcionamento pré-perda, entretanto, aprende a desenvolver significado para sua vida, descobrindo e redefinindo meios a fim de se comprometer com o mundo sem a pessoa perdida.

Stroeb e Schut (1999) desenvolveram o modelo do processo dual do luto, no qual ocorre a oscilação entre estressores orientados para a perda e estressores orientados para a restauração. Não é possível responder às duas dimensões ao mesmo tempo. Isto é, a oscilação entre os dois possui uma função regulatória e adaptativa, ora voltada para a perda, ora para a restauração.

No processo de luto, é comum que o enlutado reveja suas crenças no mundo ou na justiça que o governa, crenças essas que antes da perda faziam muito sentido. Doka (2002) retrata que nesse processo o enlutado pode ter diferentes caminhos: reafirmar suas crenças anteriores, encontrar falha no sistema de crença atual e buscar um novo que seja mais adequado, redefinir a espiritualidade e modificar ou aprofundar a estrutura da crença.

Desenvolver uma nova relação com a pessoa perdida de maneira que se adapte ao novo mundo sem esquecer o antigo significa construir vínculos contínuos (SILVERMAN; KLASS; 1996). Ou seja, um processo de adaptação e mudança na relação com o morto em que negociações de significados ocorrem, reconhecendo a morte, mas mantendo conexões.

Experiências de luto nem sempre são reconhecidas, e isso foi definido por Doka (2002) como “luto não reconhecido”. O enlutado não recebe o suporte social necessário, vivenciando o processo sem poder expressar-se de acordo com sua necessidade. Esse fenômeno pode ocorrer quando o relacionamento não é reconhecido, a perda não é reconhecida pelo próprio enlutado, o enlutado não é reconhecido, circunstâncias da morte não são reconhecidas, o modo de enlutar-se e o estilo de expressão não são validados socialmente. Casellato (2015) ressalta a complexidade da sociedade moderna que, com suas normas sociais, produz paradoxos na vivência do luto.

No estudo sobre as representações da morte e do luto no ciclo de vida, Salmazo-Silva et al. (2012) apresentam que a morte é tida pelas crianças como distante da realidade individual. No caso dos adultos jovens, a morte é enfrentada como uma força transcendente e o luto é encarado como expressão da perda; enquanto os adultos de meia idade encaram a morte como finitude e perda de esperança, conferindo maior respeito ao processo de luto. Para os idosos, a morte pode representar a dimensão da própria finitude.

O luto vivenciado por crianças pode apresentar manifestações como alteração do sono, comportamentos regressivos, mudanças no comportamento, isolamento e alterações no rendimento escolar. É caracterizado como perda precoce e pode gerar crise por impedir reconexão com a pessoa perdida (OLTJENBRUNS, 2001).

Aquele que perdeu alguém quando criança ou na adolescência pode experimentar períodos de luto durante todo o ciclo vital, durante o desenvolvimento, ao amadurecer e processar a experiência da morte. Esse fenômeno é chamado “*re-grief*”, que pode ser traduzido para “re-enlutar-se” (OLTJENBRUNS, 2001). Ao vivenciar questões de identidade, é esperado que o luto seja vivenciado novamente. A forma como a família encara o luto, como os pais lidam e realizam as funções paternas, é essencial para a criança e o adolescente.

O desenvolvimento do processo de luto do adolescente é permeado por questões peculiares da adolescência, como ansiedade, autoestima, mudanças características do desenvolvimento, performance escolar. O modo como este lida com as diferenças, com seus questionamentos espirituais, se aceita o limite de suporte dos seus companheiros e se possui habilidades para buscar suporte dos adultos (CORR, 2000).

Worden (2009) caracteriza o luto na fase adulta com base em uma proposta de execução de tarefas: aceitar a realidade da perda, processar a dor do pesar, adaptar-se ao mundo sem o falecido (ajustamento interno, externo e espiritual) e encontrar uma conexão duradoura com o falecido junto a embarcar em uma nova vida. Ao envelhecer, surgem questões significativas como idade, discriminação contra idosos, falta e/ou limite de cuidador. Perdas de amigos, irmãos e companheiros amorosos são mais frequentes, suscitando a aproximação da própria morte.

Os rituais de luto são importantes, pois facilitam a expressão e o reconhecimento dos sentimentos e das emoções, possibilitando a elaboração e a construção de significados (IMBER-BLACK, 1998).

Quanto à natureza do vínculo de apego, Worden (2009) retrata que o luto será encarado não somente no que se refere a como a pessoa perdida era, mas ao relacionamento do sobrevivente com a pessoa perdida. A força e a segurança do vínculo devem ser levados em consideração, bem como a ambivalência do relacionamento e os conflitos com o falecido.

A ambiguidade de fronteiras pode gerar o que foi definido por Boss (1998) como perda ambígua, pela ausência psicológica com presença física ou ausência física com presença psicológica. Quando isso ocorre, a família possui dificuldade na compreensão sobre quem está dentro ou fora do sistema familiar e pode ter consequências a longo prazo.

No caso de adoecimento ocorre luto antecipatório (WORDEN, 2009), ou seja, antes da perda propriamente dita o indivíduo vivencia aspectos do luto devido a conscientização e aceitação do fato de que a pessoa vai morrer.

3.1 CONTEXTO DA CRIANÇA ENLUTADA

A morte de uma pessoa coloca em teste a família como sistema de apoio para seus membros. Para compreender o luto de um indivíduo, é fundamental perceber o filtro das experiências e percepções de uma família (BOSS, 1998; WALSH & MCGOLDRICK, 1998). Ao pensarmos na dinâmica da família que perde uma criança, é preciso considerar o padrão de funcionamento da família para compreender o trato possível com a perda. Uma criança que perde um irmão se depara com a situação inédita de conviver com os pais agora enlutados. Essa situação se caracteriza, portanto, por dupla perda, pois, além de perderem a disponibilidade dos pais, os filhos podem ser minimizados em suas perdas (DAVIES, 1999).

Walsh e McGoldrick (1998) abordam a perda como um processo transicional que envolve a pessoa perdida e os sobreviventes em um mesmo ciclo de vida, representando tanto a finalidade como a continuidade da vida, pois abarca diferentes gerações: o passado, o presente e o futuro. A família, como uma unidade funcional, sofre efeitos imediatos e de longo prazo de uma mesma perda para cada um de seus membros e para todos os relacionamentos (BOWEN, 1998; WALSH & MCGOLDRICK, 1998).

Entre as reações que afetam o trabalho dos membros da família que perdem uma criança, Stebbins e Batrouney (2007) mencionam falta de concentração, perda de motivação, redução da tolerância, mudança de prioridades, tristeza, entre outras. Abordam também o impacto da perda na rede social e na comunicação de uma família. A perda de uma criança traz consequências para a relação dos pais, entre os pais e outros filhos e entre outros parentes da família extensa e amigos.

Bank e Kahn (1997) afirmam que a vida familiar é modificada para sempre após a morte de uma criança, bem como o subsistema de irmãos. Esses autores apresentaram 3 processos parentais que possuem efeitos na identidade do filho sobrevivente:

- Silêncio e segredo: há a possibilidade de ser assombrado pela morte do irmão
- Preciosidade e superproteção: pode gerar reações de medo
- Substituição e reposição: ressurreição do irmão perdido; viver duas vidas.

As mudanças que ocorrem numa família após a perda de um filho refletem em relacionamentos continuados com os membros sobreviventes e a continuação do vínculo com a criança falecida (BUCKLE & FLEMING, 2011b). As rotinas, os papéis e o lar da família sofrem alterações. O modo como a família encara o relacionamento com a criança falecida, se a criança falecida continua presente como tema, como conexão continuada por meio de rituais e atividades e o legado do filho perdido afetam a família como um todo.

Com base no estudo de Davies (1999), identificamos oito aspectos delineadores do funcionamento de uma família, que podem contribuir tanto para uma dinâmica familiar de êxito quanto para a persistência de dificuldades no trato com uma perda, a saber: comunicação aberta, trato com os sentimentos, definição de papéis, resolução de problemas, utilização dos recursos disponíveis, incorporação de mudanças, consideração pelos outros e confronto de doenças.

Sobre crenças religiosas, Bousso et al. (2011) compreendem que a religião e a espiritualidade podem beneficiar experiências de doença e morte no sistema familiar, dependendo da interação dos fatores em contexto. As autoras não defendem o uso de religiosidade, mas defendem a valorização para famílias que já fazem uso, ressaltando a importância da religiosidade para a construção de significado da doença e da morte dentro e fora de uma família.

O filho representa amor incondicional e recíproco. Ao descrever a perda de um filho, Parkes (2008) caracteriza que filho é o principal meio de perpetuação dos nossos genes, possibilitando a imortalidade genética. A perda de um filho ameaça questões de cuidado e de sobrevivência. A morte de filhos únicos pode ser mais traumática por essas razões e, ao mesmo tempo, pode representar ameaça à sobrevivência de outros filhos. A morte de uma criança é prematura e desafia expectativas habituais.

Luto parental é duradouro e causador de muito sofrimento, pois estão presentes questões afetivas importantes que influenciam o significado dado. A perda de um filho é uma das fontes de pesar mais atormentadora e poderosa, o luto é intenso e persistente. Nesse ponto de vista, a morte de um filho muda tudo, para sempre, pois é incompreensível (BUCKLE; FLEMING, 2011b, PARKES, 2008).

Ao estudar profundamente luto parental, Buckle e Fleming (2011b) utilizam a metáfora “Refração do Vidro na Casa” para descrever tal processo, similarmente ao conceito mundo presumido apresentado anteriormente. Há uma quebra do vidro resultando em inúmeros fragmentos que resulta na possibilidade de sentirem-se desprotegidos e vulneráveis. Há mudanças desde as rotinas a atividades insignificantes, nas crenças e no senso de segurança e significado, que podem ou não resultar em sentimentos de culpa e esgotamento. São consequências percorridas por estes autores e percebidas pelos pais diante da perda de um filho: sensação de falta de controle, a necessidade de controlar tudo o que pode, a necessidade de proteger, a importância de pensar no bem-estar e de promover a felicidade do filho sobrevivente, o manejo do medo do filho sobrevivente e a necessidade de reordenar as prioridades.

Por esse motivo, é fundamental compreender que o modo como os pais lidam com seu próprio luto possui grande impacto no funcionamento total da criança após a perda (DAVIES, 1999, 2000; PACKMAN et al., 2006). Questões de gênero influenciam na maneira como pais enlutados vivenciam o luto. Mulheres se expressam mais e buscam ajuda com maior frequência. Os tipos de apego dos pais influenciam em como essa perda vai ser encarada, podendo também afetar o relacionamento conjugal (BUCKLE; FLEMING, 2011b).

Stebbins e Batrouney (2007) apresentam um estudo no qual foi comparado o relacionamento dos pais antes e depois da perda de um filho: 46% dos pais perceberam seus companheiros provendo menor suporte e eles se perceberam menos disponíveis em oferecer suporte quando comparado ao período anterior à perda; 43% dos pais percebiam seus companheiros e eles mesmos como menos próximos e 32% indicaram que a morte do filho teve um impacto negativo no relacionamento com o parceiro.

Buckle e Fleming (2011a) realizaram pesquisa com pais que, tendo perdido um filho, possuíam ainda pelo menos um filho sobrevivente. A um grupo total de cinco pais e cinco mães, perguntaram: “Você sente que a morte de (nome do filho(a)) afetou sua atuação como pai/mãe para com seu/sua filho(a) sobrevivente?”. Todos os participantes responderam “sim” à pergunta. Na mesma pesquisa, foram enumerados desafios enfrentados por progenitores quanto aos filhos sobreviventes, após a perda de uma criança. Entre eles, destacamos: reconhecer e atender ao processo de luto do filho sobrevivente, às suas necessidades e mudanças de seu desenvolvimento; visitar a perda conforme o irmão amadurece e é capaz de compreender melhor o significado da perda e sua profundidade; perceber que cada um na família possui sua própria forma de enlutar, sem fórmulas pré-concebidas de certo e errado; ajustamento dos pais quando passam a ter um filho único; a impotência diante da dor de um filho enlutado; lidar com sua própria reconstrução do significado da morte, para que se possa lidar com a do filho.

Quanto às mudanças de relacionamento dos pais com filho(s) sobrevivente(s), Stebbins e Batrouney (2007) apontam que os impactos negativos variam em intensidade e são influenciados pelos diferentes estilos de apego por gênero. Pode ocorrer crescimento da proximidade, superproteção, medo da perda e inversão de papéis (quando a criança sobrevivente busca dar assistência aos pais).

Morris et al. (2016) realizaram extensa pesquisa com pais em um programa de cuidados paliativos pediátricos para explorar o relacionamento deles com seus filhos após a perda de uma criança. Obtiveram como resultado que sintomas maternos de estresse pós-traumático (PTSD) e de luto prolongado (PGD – *Prolonged Grief Disorder*) estão diretamente associados às respostas dos irmãos sobreviventes; enquanto sintomas paternos estão associados a sinais indiretamente percebidos em comportamentos parentais.

O gênero dos pais é diferenciado pelas funções que os pais possuem. Desse modo, é importante perceber a influência dos cuidados maternos e paternos que demonstram diferentes respostas para os filhos que ficaram, bem como perceber sintomas pós-perdas do sistema familiar. Os autores, ao abordar as limitações do estudo, sugerem que o ambiente familiar pode ser mais importante para os irmãos do que os fatores contextuais que cercam a morte. Não houve diferenças baseadas na causa da morte.

Gilmer et al. (2012) apresentam transformações nos âmbitos pessoal e relacional de pais após a perda de um filho por câncer. Filhos sobreviventes retrataram em tal estudo que seus pais ficaram mais tristes com a morte, enquanto os pais retrataram mudanças em suas prioridades.

Adultos que cercam a criança enlutada devem atentar aos sinais da criança enlutada bem como propiciar e incentivar ações e atividades que permitam a expressão do luto e o desenvolvimento de vínculos contínuos. Nesse sentido, Packman et al. (2006) sugerem estas ações aos cuidadores: ouvir com atenção e sem julgamento, oferecer conforto e oferecer presença.

A escola possui papel de extrema importância na vida de uma criança. São muitas as atividades escolares ou relacionadas à escola. É o local onde a vida social se inicia e também onde as amizades acontecem. A criança pode vivenciar com liberdade suas emoções quando a escola é um ambiente seguro e de comunicação aberta para ela (KOVÁCS, 2010; JOHNS, 2000; SHERAS, 2000; STEVENSON, 2000). Por esse motivo, a participação e a comunicação entre os pais, professores, educadores e diretores deve ser frequente e efetiva.

Stan Johns (2000), como diretor de escola, retrata a escola não somente como ambiente para dar suporte às crianças e famílias que passam por perdas, mas também como uma parte do dia-a-dia da escola. Há maneiras de trabalhar a morte e o luto com crianças e adolescentes, principalmente quando há grande repercussões entre os estudantes, como, por exemplo, morte por suicídio. Acrescenta ainda que muito pode ser feito junto aos pais que perdem filhos para que o filho não seja esquecido e, dessa forma, seus sentimentos sejam reconhecidos.

Stevenson (2000) defende a inserção do tema “morte” no ensino não somente para abordar tal palavra, mas para abranger o significado da morte e como lidar com perda, luto, morrer e morte; seu impacto individual e na humanidade.

Entre os benefícios de trabalhar tal discussão na escola, estão: preparação para lidar com perdas futuras, aprimorar a comunicação (uma vez que falar de morte é tabu), crescimento do conhecimento também profissionalmente, melhor apreciação da diversidade cultural, a vida é tida com maior valor, capacidade de ouvir sobre medo e ansiedade relacionados à morte, aumento da sensação de controle pessoal da vida e possibilidade de efeitos terapêuticos.

Kovacs (2010) afirma que professores e educadores possuem papel fundamental no processo de luto da criança, complementando o papel da família. Por meio da convivência diária com esta, acabam por completar o papel desempenhado pelos familiares, tendo a possibilidade de ser referência para a criança. Sheras (2000) apresenta fatores da dimensão da perda que devem ser considerados levando em conta como a escola responde diante de alguma situação.

Pelos motivos apresentados por estes dois autores, professores e educadores devem ser comunicados sobre a perda, para que possam compreender e acolher a criança em tal momento, sabendo que a escola deve estar preparada para lidar com morte, morrer, perdas e luto bem como a integrar possíveis funções do suporte a ser oferecido.

Neste item, buscamos enfatizar a importância do papel que pode ser exercido pelos pais, família, escola e educadores no acolhimento e suporte à criança enlutada. Funções que são definidoras para o processo de elaboração do luto.

3.2 A CRIANÇA E O LUTO

A compreensão da morte por crianças difere da compreensão de adultos, é um conceito complexo por ser relacionada ao nível de desenvolvimento em que a criança se encontra, nesse sentido, a idade em si não é um indicador confiável (CORR, 2000; DAVIES, 1999). Conforme a criança passa por outros estágios de desenvolvimento, ela vai compreendendo a perda anterior de forma a aceitá-la com o passar do tempo, tornando-se mais parecido com o conceito de morte de adultos. Esse fenômeno é chamado de “*re-grief*”, no qual a criança dá novos significados a um mesmo conflito (OLTJENBRUNS, 2001).

O desenvolvimento do conceito de morte por crianças é compreendido a partir de Piaget (1959), que elaborou a teoria sobre o desenvolvimento cognitivo e intelectual. São três estágios:

- Primeiro estágio: sensório-motor – no qual a criança aprende por meio de ações motoras e sensórias em fundamento ao comportamento. Nesse estágio, a criança não forma conceitos. A morte não é compreendida; mas há reações da separação a que são vinculados.
- Segundo estágio: pré-operacional (2-6 anos de idade) – no qual a criança não separa o mundo interno do externo e seus pensamentos não possuem regras lógicas. A morte é tida como reversível e temporária.
- Terceiro estágio: Operações concretas (7-12 anos) – gradualmente a criança se torna menos egocêntrica, o pensamento mágico vai diminuindo e a criança começa a perceber a natureza pessoal da sua visão. Nesse momento, as habilidades de comunicação e linguagem aumentam e o pensamento passa a ser lógico.

Muitas das habilidades cognitivas necessárias para compreensão do conceito acurado de morte são adquiridas no terceiro estágio. O último estágio, operações formais, começa por volta dos 12 anos e continua até a fase adulta.

O luto de crianças possui respostas de intensidade e duração específicas. Davies (2000) ressalta a importância de informar os pais sobre a recorrência do luto, para que eles assegurem à criança que suas reações são comuns e não sinais de distúrbios emocionais.

O conceito de morte não é singular, é complexo e composto de três subconceitos apresentados por Davies (1999):

- Irreversibilidade (finalidade, irrevocabilidade) – crianças pensam que a morte é temporária e reversível. A compreensão da irreversibilidade traz a ideia do corpo físico como limite definitivo para toda coisa viva que morre.
- Não funcionalidade – por não entenderem este subconceito, crianças atribuem habilidades funcionais às coisas mortas. A não funcionalidade implica na compreensão de que funções internas, como sentir, pensar e sonhar, e funções externas, como respirar, comer e mexer-se, acabam com a morte. É ideia da cessação.

- **Universabilidade (inevitabilidade)** – é a compreensão de que todas as coisas vivas morrem e que a morte é inevitável; antes de compreenderem o subconceito, crianças pensam que certas ações têm o poder de evitar a morte e que certas coisas ou pessoas não morrem.

No entendimento de Oltjenbruns (2001), o repertório de estratégias de enfrentamento infantil é muito mais limitado do que o de adultos por alguns motivos:

- **Linguagem** – crianças pequenas não possuem capacidade para descrever suas emoções ou para pedir exatamente o que precisam. A comunicação é realizada de outras maneiras, como no caso de símbolos ou de comportamentos.
- **Crises psicossociais** – Erikson (1963) definiu essa crise em termos de diferentes polaridades, na qual a criança oscila entre iniciativa *versus* culpa. No caso da criança enlutada, por haver dificuldade em diferenciar fantasia de realidade, ela pode sentir-se culpada ou responsável pela morte do ente querido.
- **Mecanismo de enfrentamento** – com base no modelo dual de Stroebe e Schut (1999), Oltjenbruns (2001) indica que, como forma de se proteger, a criança oscila seu foco entre a perda sofrida e as demais atividades cotidianas. Por não tolerar longos períodos de sofrimento, a criança recorre a estratégias de enfrentamento como a regressão, a repressão, a negação e o deslocamento.
- **Tarefas desenvolvimentais** – além de ter que lidar com o trabalho de luto, a criança enlutada também tem pela frente as tarefas do curso normal de desenvolvimento.

Compreender melhor o conceito de morte auxilia a expressão do luto e a normalização do dia a dia de crianças pequenas. Se há falha ou falta na compreensão da morte, a criança pode experimentar um “atraso” do luto, postergando o processo de luto para momentos futuros (BARRERA et al., 2013). Ao pensar na criança e no luto, é importante considerar questões como as manifestações decorrentes do luto tidas como comuns, o esforço em manter a conexão com o ente falecido e demais questões infantis cognitivas e desenvolvimentais. Enquanto algumas reações ocorrem logo após a perda, outras apenas se manifestarão anos depois. Além disso, nem toda criança enlutada vivencia todas as respostas comumente descritas à perda.

Por não haver uma maneira precisa de identificar crianças com dificuldades para lidar com a perda, Davies (2000) enfatiza a importância na observação de sinais que indiquem mudanças persistentes no comportamento. Entre as manifestações que exigem maior atenção, estão as carregadas de agressividade, irritação, tristeza, preocupação excessiva ou depressão, como crianças que reclamam estar solitárias e se retiram das atividades de lazer ou da presença de amigos; crianças que estão persistentemente ansiosas ou nervosas, com dificuldades na alimentação ou pesadelos recorrentes; crianças que não se sentem bem consigo mesmas; ou, ainda, crianças que não estão indo bem na escola.

Por ser diferente da expressão de adultos, não se compreende a maneira infantil de enlutar. Na ocorrência de morte, o adulto também enlutado enfrenta dificuldades de comunicação com a criança pela incompatibilidade entre suas maneiras de expressão. Luto de criança, desse modo, caracteriza-se como forma de luto não reconhecido. Além do potencial de acarretar problemas adicionais ao luto, o “luto não reconhecido” pode evoluir para o que chamamos de “luto complicado”.

Sobre a participação nos rituais de velório, enterro ou cremação, McCown (1984) pesquisou o luto em irmãos entre quatro e dezesseis anos. Demonstrou-se, com os dados da pesquisa, que crianças que participaram dos ritos funerários demonstraram mais sinais comportamentais comumente associados ao luto do que as crianças que não participaram. O resultado encontrado manifestou-se particularmente em crianças menores do sexo feminino. Em sua conclusão, McCown defendeu que a decisão da criança deve ser respeitada.

O conceito de “luto traumático infantil”, desenvolvido pelo National Child Traumatic Stress Network Child Traumatic Grief Committee (2009), indica que a criança enlutada apresenta sintomas associados ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático, como nervosismo, insistência em reviver aspectos e circunstâncias da perda do ente querido e fuga às lembranças da pessoa falecida.

Ao explorarem o luto infantil e a perda traumática, Baum, Ginat e Silverman (2014) diferenciam luto traumático e luto complicado. Para os autores, ambos são formas complexas de luto, sendo o primeiro caracterizado por uma perda em circunstâncias traumáticas e o segundo relacionado à diminuição nas atividades de rotina bem como às reações de luto por período distendido. Apesar do debate sobre a diferenciação entre os conceitos de luto-padrão ou de luto complicado, autores convergem na repercussão de efeitos fortes e duradouros do luto sobre crianças.

Para compreender o significado e a abrangência da perda sobre o ciclo vital da criança que experimenta o luto, é importante que se atente para seu nível desenvolvimental, a expectativa para este nível, sua cultura, seu gênero e seu estilo de apego. Ao compreender o luto, o tipo de morte também deve ser considerado. Uma morte repentina e traumática, por exemplo, aumenta o senso de vulnerabilidade do enlutado (DAVIES, 1999). Outras causas de morte podem ser acompanhadas por estigmas socioculturais, como ocorre nos casos de overdose, de suicídio, de assassinato e de algumas doenças, em especial a AIDS. A causa de morte pode, portanto, atuar como um marcador para a família, com influência sobre a saúde mental de seus membros (BOLTON et al., 2016).

3.3 LUTO PELA PERDA DE UM IRMÃO

A literatura sobre luto fraterno apresenta possíveis reações imediatas à perda de um irmão, bem como fatores que influenciam o modo de enlutar-se. Nesta subseção, apresentamos os principais aspectos dos estudos realizados especificamente sobre luto de irmão.

Aspectos como o comportamento dos pais no momento de adaptação da perda, o suporte oferecido à criança enlutada e o ambiente familiar como um todo possuem papel central no luto e em seu processo (DAVIES 1999, WALSH; MCGOLDRICK, 1998;). A natureza do relacionamento entre os irmãos antes da morte é fator crítico para o modo como esse luto será encarado (MARSHALL; DAVIES, 2011). O luto de irmão, ademais, caracteriza-se como luto não reconhecido (DEVITA-RAEBURN, 2007; MARSHALL; DAVIES, 2011). A configuração familiar também é fator de influência, já que em casos de perda de irmão único, o vazio sentido é ainda maior.

No estudo conceitual sobre luto fraterno, Robinson e Mahon (1997), compararam o relacionamento entre irmãos com o relacionamento de amizade para compreender tanto a especificidade da relação fraterna quanto a de seu luto. Para esta compreensão, os autores sugeriram avaliar o indicativo do grau de proximidade da relação pela perspectiva do enlutado. O relacionamento entre irmãos, como já abordado, é um relacionamento ambivalente simultaneamente permeado por sentimentos positivos e negativos. A natureza do vínculo fraterno pode, assim, fazer com que o luto seja vivenciado com maior dificuldade.

Em pesquisa sobre o luto fraterno, Charles e Charles (2006) escolheram como foco o estilo de apego do irmão sobrevivente. Nela, os autores retrataram a dificuldade trazida pela escolha na compreensão da reação ao luto no ciclo vital do enlutado. Identificou-se o luto pela perda de um irmão como um desafio peculiar que traz grande ênfase às necessidades relacionais, podendo acarretar rupturas ou falhas no relacionamento com os cuidadores primários, já que eles também lidam com uma circunstância de luto. A perda do irmão estimula a busca de maior suporte por meio de contato, em detrimento do distanciamento, independentemente do estilo de apego.

Robinson e Mahon (1997) compilaram estudos conceituais sobre luto fraterno e apresentaram três aspectos específicos da análise conceitual:

- 1) A resposta ao luto é multidimensional. O pesar pode ser acompanhado de reações físicas e psicológicas, com componentes comportamentais. Essas reações são persistentes e se desenvolvem com o tempo.
- 2) Mudanças na autopercepção podem ocorrer, inclusive em uma ou mais características da personalidade.
- 3) Ocorrem mudanças na visão de mundo, abrangidas nestas alterações das responsabilidades e dos papéis do enlutado.

Os autores (1997) apontam que as respostas ao luto fraterno podem ser tanto positivas quanto negativas, aparecendo e desenvolvendo-se ao longo do tempo. A perda fraterna impacta não apenas os eventos da vida relacionados à morte, o que resulta em uma transformação da percepção dos limites do enlutado, como seu senso de vulnerabilidade, sua consciência ou sua sensibilidade às experiências alheias.

Ao comparar luto de um dos pais ao luto de um irmão, Worden (1996) identificou treze características que diferenciam tais perdas: impacto da perda nos pais, disponibilidade de um dos pais *versus* disponibilidade dos dois, tensões no casamento, aumento da “conscientização da própria morte”, substituição do irmão perdido, superproteção do filho sobrevivente, foco na culpabilização da morte (como “bode expiatório”), inveja do irmão doente, culpa de sobrevivente, raiva dos pais pelo fracasso em proteger o irmão, resíduo da competição entre irmãos, sentimento de que o filho errado morreu, falta de suporte para o irmão sobrevivente.

Em outro estudo comparativo, Worden, Davies e MacCown (1999) perceberam que a perda de irmão não causa mais problemas emocionais ou de comportamento do que a perda de um dos pais. Perceberam, no entanto, que meninos são mais afetados pela perda de um dos pais enquanto meninas são mais afetadas pela perda de irmão, principalmente quando do mesmo sexo. Davies (1999) aborda a dificuldade de compreender as especificidades de gênero relacionadas ao luto pela perda de um irmão, já que pesquisadores do tema buscam pontos em comum.

Para compreender as reações à perda de um irmão, é necessário levar em consideração características individuais, características ambientais e características situacionais. É útil, nesse sentido, a classificação desenvolvida por Davies (1999):

- Características situacionais: causa da morte – repentina ou não, duração de tratamento, em caso de doença; local da morte; envolvimento do irmão nos eventos relacionados; e tempo decorrido desde a morte.
- Características individuais: idade; gênero; dependência; estilo de enfrentamento; contexto social e emocional; temperamento; autoconceito; e experiências prévias com perda e morte.
- Variáveis ambientais: centralidade; funcionamento familiar; luto parental; comunicação entre pais e filho; ambiente familiar; espaço de vida compartilhado.

Entre os comportamentos observados, a autora cita reações como: atitude de atuação ou fingimento – discutir muito, exibir-se, desobedecer, tristeza e depressão, isolamento, ansiedade, culpa; comportamentos psicofisiológicos – dores, enureses, transtornos do sono, transtornos alimentares e queda no desempenho escolar.

As respostas ao luto de um irmão podem mudar com o decorrer do tempo. Algumas crianças apresentam comportamentos internos problemáticos mais graves conforme envelhecem. Não há comportamento específico que identifique o que é ou não problema. Em vez de completar seus processos de luto em um ano ou dois, irmãos continuam a sentir tristeza por maior período de tempo, com a persistência dos sentimentos de dor e de perda nos anos posteriores (DAVIES, 1999; DAVIES; LIMBO, 2010).

A maneira como a notícia é dada aos irmãos é muito importante, há diretrizes buscando a melhor maneira (DAVIES, 1999). Idealmente, os pais seriam as melhores pessoas para contar ao irmão, em um lugar privado e silencioso, providenciando uma descrição cuidadosa sobre o que aconteceu. Sentar-se próximo à criança, reassegurando que ela não está sozinha, que é normal ter sentimentos e reações e que compartilhar seus próprios sentimentos pode ser útil.

Cada indivíduo possui seu próprio modo de enfrentar levando em conta seus próprios mundos. A criança se espelha no comportamento do adulto, imita-o. Por isso o modo como o adulto lida e interage com a criança é de extrema importância em tal momento (MARSHALL; DAVIES, 2011).

O acrônimo com a palavra “CHILD” criado por Davies (1999)¹ é útil para auxiliar adultos a contar a notícia ao irmão enlutado.

- C (*Consider*) – Considerar – Deve atentar-se ao nível de desenvolvimento e capacidade de compreensão da criança quanto aos pensamentos e sentimentos; é preferível o uso de explicações simples e apropriadas.
- H (*Honesty*) – Honestidade – contar a verdade, usando as palavras “morte” e “morreu”.
- I (*Involve*) – Envolver – encorajar pais a envolverem os filhos na participação de discussões familiares sobre a morte e eventos relacionados.
- L (*Listen*) – ouvir – Permitir que a criança fale sobre o que sabe ou não sobre a morte.
- D (*Do it over and over again*) – Repetir o processo várias vezes, quantas forem necessárias – Por ser muita informação ao mesmo tempo, é importante que os passos sejam repetidos e enfatizados com o passar do tempo.

Davies (1999) explica o fenômeno das reações específicas do luto pela perda de irmão na infância, em suas próprias palavras. Nem todos vão experimentar todas essas reações, mas a maioria dos casos a demonstra em graus variados. Duas respostas são similares ao que é descrito na literatura de luto na infância em geral: “Me dói por dentro” e “Eu não entendo”.

¹ O acrônimo apresentado no livro é uma versão adaptada.

As outras duas repostas, por sua vez, são específicas pela perda de um irmão e foram descritas para além da reação imediata à perda, como efeitos a longo prazo da perda de um irmão na infância: “Eu não pertenço” e “Eu não sou suficiente”.

- “*I hurt inside*” – “Me dói por dentro” – É a primeira resposta focada nas reações emocionais e psicofisiológicas relacionadas ao luto. Envolve tristeza, raiva, frustração, solidão, medo, ansiedade, irritabilidade e culpa.
- “*I don’t understand*” – “Eu não entendo” – Desejo de encontrar sentido para a morte.
- “*I don’t belong*” – “Eu não pertenço” – Sensação de ter perdido seu lugar, uma vez que a não há senso de normalidade diante da mudança na dinâmica familiar, nos papéis e nas responsabilidades dos padrões de normalidade da família.
- “*I’m not enough*” – “Eu não sou suficiente” – Sensação de inadequação em comparação ao irmão que morreu. Nesse sentido, os irmãos enlutados podem tentar suprir a qualquer custo a falta dos pais, familiares e amigos ou fazer o contrário, buscando provas de que são amados.

Marshall e Davies (2011) encontraram as mesmas reações em adultos que perderam irmão, afirmando que irmãos enlutados podem compartilhar experiências, ainda com diferentes idades. Davies (2000) acrescenta que a maioria dos irmãos se beneficia de oportunidades de falar sobre suas reações não apenas no momento da morte, mas também ao longo de seu desenvolvimento, conforme atingem outros níveis de compreensão da morte.

Como reação tardia ao luto, Davies (2000) aborda que a criança pode se esforçar para preencher expectativas irrealistas dos pais para poupar futuros estresses dos pais. Enfatiza-se a necessidade de perceber não somente as crianças que possuem problemas de notas ou comportamento, como ainda aquelas que melhoram marcadamente. Essas repostas devem ser observadas em sua intensidade e duração, assim como outras reações que se façam presentes.

Em seus estudos sobre o luto de um irmão na idade adulta, Barasuol (2012) identificou, na vivência dessa perda, o surgimento de sentimento de vulnerabilidade pessoal, já que ocorre a convivência com a morte de alguém da mesma geração.

A autora também ressalta a ausência de estudos extensivos sobre a perda de um irmão na fase adulta. (BARASUOL, 2012).

No caso de perda por adoecimento, Nolbris e Hellstrom (2005) identificaram que irmãos podem sentir ansiedade, solidão, isolamento social, tristeza e medo por sua própria saúde. No estudo realizado pelos autores, as crianças relataram que durante o período terminal tiveram sentimentos de solidão, ansiedade e descontentamento com a informação e o suporte dado. Os autores encontraram que leitura, amigos e atividades escolares foram importantes para o irmão saudável. O ambiente escolar permitiu que o irmão pudesse ter um “intervalo” por tratar-se de um ambiente sem doença. Naquele momento, ter um espaço como refúgio foi importante para essas crianças. Alguns amigos conseguiram oferecer suporte e foram disponíveis quando os irmãos saudáveis queriam conversar, porém nem todos os colegas se mantinham disponíveis.

Andrade (2013) aponta para a importância de os pais perceberem e lidarem com aspectos como a rivalidade fraterna para conseguirem auxiliar o filho enlutado. A autora concluiu que o uso da espontaneidade no processo criativo facilita o processo de luto da criança que perde o irmão.

Miles (2010) realizou um estudo com 7 pessoas entre 41 e 69 anos tendo a morte ocorrido há 29 a 63 anos. A autora perguntou aos participantes sobre as memórias que possuíam em relação à perda do irmão, para compreender o que eles acreditavam ser resultado da perda, incluindo o impacto na vida profissional, criativa e espiritual. Questionou também como eles sentiam o vínculo contínuo com o irmão e como isso era manifestado.

Todos os participantes relataram a existência de efeitos a longo termo da perda de um irmão na infância. Eles reportaram ter algum tipo de vínculo contínuo com o irmão falecido sentindo no presente. Os efeitos a longo-termo encontrados não foram necessariamente nas áreas de criatividade, espiritualidade e profissão, porém a maioria dos participantes citou pelo menos uma dessas áreas. Os participantes nomearam resultados negativos da perda de seus irmãos como ansiedade para seus próprios filhos e incapacidade de lidar com perdas de maneira saudável (MILES, 2010).

Em uma pesquisa com cento e cinquenta e sete adolescentes enlutados, Hogan e DeSantis (1996) identificaram, por meio do instrumento de avaliação *Hogan Sibling Inventory of Bereavement* (HSIB), três aspectos do processo de luto de

irmãos adolescentes: luto como reação à perda, crescimento pessoal e vínculo contínuo. Entre as características que tornam o processo de luto fraterno peculiar, ressaltamos: a manutenção da proximidade emocional ao mesmo tempo em que se perde a proximidade física; o rompimento das expectativas e antecipações de um futuro compartilhado com o irmão; a ocorrência do vínculo contínuo em resposta à necessidade vital de construir um novo significado da vida e do senso de si-mesmo, por meio da manutenção de proximidade espiritual com o falecido.

Bolton et al. (2006) sugerem que as experiências de luto podem variar de acordo com a idade do irmão sobrevivente e reforçam que luto de irmão é uma experiência estressante com risco de transtornos mentais, mais especificamente de depressão. Por esta razão, tal período de vulnerabilidade deve ser foco importante para tratamento e esforços públicos, atentando para fatores característicos de luto complicado, como a incapacidade de aceitar, negar e evitar aspectos relacionados à morte, o senso irracional de querer estar com o falecido e pensamentos intrusivos e persistentes sobre o falecido.

Ainda que haja maior dificuldade na percepção exata dos efeitos a longo termo causados pelo luto de um irmão na infância, nota-se que a experiência se caracteriza por efeitos de ampla profundidade e duração para o irmão sobrevivente (DAVIES, 1999; SVEEN et al., 2014). Os irmãos atribuem traços de suas percepções da vida, deles mesmos e dos outros à experiência de seus lutos. Há, assim, grande medida subjetiva na experiência vivida (DAVIES, 1999; DAVIES; LIMBO, 2010).

Davies (1999), nesse sentido, destacou as seguintes reações de longo prazo: sensibilidade à idade em que se deu a morte do irmão, tristeza recorrente, medo da recorrência, curiosidade, percepção da vida, percepção aguçada de si mesmo e dos outros e ocorrência de *insights* por meio do espelho retrovisor (fatores que, entendidos como influenciadores de suas respostas imediatas à época da perda, ainda influenciam sua tomada de decisões).

Irmãos enlutados reportaram a experiência de renovar e intensificar o luto em ocasiões significativas para a vida deles juntos, como aniversários, casamentos ou aposentadoria (DAVIES, 2000).

Em suas pesquisas com irmãos, inclusive irmãos adultos que haviam perdido irmãos na infância, Davies (1999) percebeu que, ao recordarem suas reações do momento da perda, alguns irmãos vivenciavam culpa retroativa.

Outros indivíduos, por sua vez, não se recordavam com certeza do irmão ou da irmã falecido(a). Muitos irmãos relataram a permanência, no decorrer do tempo, de reações surgidas à época de morte do irmão ou da irmã.

Ressalta-se, por último, a persistente manutenção de conexões com o irmão falecido pelos irmãos sobreviventes, sob formas variadas. Notou-se, de modo recorrente, que os irmãos atribuem escolhas pessoais críticas da vida à experiência vivida com a morte do irmão, como, por exemplo, a decisão sobre ter ou não filhos ou a escolha da profissão – observou-se casos em que há a escolha da área da saúde justamente pelo trauma experimentado, enquanto o mesmo motivo levou outros a manter distância de profissões que lidam com doença e morte (DAVIES, 1999; DAVIES; LIMBO, 2010).

Sveen et al. (2014), em uma pesquisa realizada especificamente com perdas por câncer, perceberam que, mesmo depois de 2 a 9 anos da perda do irmão, adultos jovens ainda não haviam trabalhado seus lutos. Os autores perceberam este dado como indicativo de que o processo de luto em decorrência da perda de um irmão constitui processo prolongado, sendo dificultoso conciliar a perda de um irmão ou de uma irmã, especialmente em fases de vulnerabilidade como a adolescência ou a juventude.

Este trabalho exploratório buscou apresentar os principais teóricos e estudos realizados no tema do luto fraterno. É um fenômeno multifacetado, no qual atuam múltiplas variáveis. A construção de significado ocorre por meio da elaboração com o passar do tempo. As reações à perda são singulares, bem como o estilo de apego, a dinâmica familiar e o suporte oferecido. No caso de mais de um irmão, faz-se crucial a compreensão de que cada criança possui sua própria reação, que se manifestará conforme sua particularidade.

Embora tenha sido encontrado grande número de estudos realizados com pessoas que perderam irmãos durante a infância, poucos são os estudos no contexto cultural em que vivemos ou, ainda, que exploraram o longo termo. Escolheu-se, portanto, o caráter exploratório.

Buscamos, com isso, contribuir para estudos e intervenções da prática clínica baseados nos teóricos presentemente abordados e na experiência por meio do discurso do adulto que perdeu um irmão na infância, levando em consideração a totalidade do processo de luto e sua passagem de tempo. Buscamos colaborar, ainda, com o processo de luto de pais que, embora estejam também enlutados, possuem diante de si a desafiadora tarefa de parentar, bem como de crianças que, tendo perdido um irmão, encontram-se diante de uma nova realidade.

4 OBJETIVO

A pesquisa tem como objetivo compreender o processo de luto do adulto jovem, decorrente da perda do seu irmão durante a infância.

5 MÉTODO

5.1 A ESCOLHA DO MÉTODO

Por ter caráter construtivo interpretativo do conhecimento (REY, 2005), a pesquisa qualitativa se demonstrou a opção mais adequada a este estudo. Seu propósito é compreender um fenômeno reconhecendo a singularidade dos participantes, fazendo uso da comunicação para produção de novos dados por meio da análise e da interpretação do conteúdo propiciado por eles.

O método qualitativo considera a vida social e a subjetividade individual. Por isso é apropriado para investigações sociais, nas quais a cultura está inserida: “[...] é uma síntese de outra ordem ontológica da multiplicidade de aspectos que caracteriza a vida social e a história de cada sujeito e espaço social concreto” (REY, p. 21, 2005).

Foi escolhida a entrevista semiaberta como instrumento, pois esta permite o acesso ao que não podemos observar diretamente, ou seja, à perspectiva significativa de uma pessoa que passou por tal experiência. (PATTON, 1990). O papel do pesquisador, nesse sentido, é livrar-se de preconceitos e predisposições para estar aberto a compreender o fenômeno em sua totalidade, sem adiantar explicações. Especificamente neste estudo, a escolha por entrevista de grupo como procedimento baseia-se na compreensão da experiência da perda, tanto no aspecto pessoal quanto no coletivo.

A entrevista semiaberta favorece respostas espontâneas devido à interação entre pesquisador e colaborador, com a possibilidade de assuntos delicados serem abordados. O investigador deve adaptar-se às falas e à sequência dos participantes no contexto do momento da entrevista, sentindo-se livre para aprofundar um assunto específico (BONI; QUARESMA, 2005; PATTON, 1990).

Para a entrevista, foi criado um roteiro baseado na revisão de literatura sobre o tema e levando em consideração os aspectos apresentados por Betty Davies (1999) a fim de compreender o processo de luto pela perda de um irmão em sua totalidade.

5.1.2 Recrutamento dos participantes

Na busca por participantes, foram considerados os seguintes critérios de inclusão e exclusão.

Critérios de inclusão:

- 1) Ter perdido um irmão durante a infância.
- 2) Diversidade de casos: diferentes idades, tipos de perda, causa da morte e características socioculturais.

Critérios de exclusão:

- 1) Perda gemelar, pois entende-se que a relação fraterna de irmãos gêmeos apresenta características singulares, com impactos próprios sobre as características do luto.
- 2) Pessoas que tivessem perdido na infância irmão com idade superior a 35 anos.
- 3) Pessoas que não pudessem participar do estudo de forma presencial.
- 4) Pessoas que no contato inicial demonstraram vulnerabilidade em relação ao processo de luto do irmão.

A busca dos participantes foi realizada conforme a técnica de composição de amostra “bola de neve” (*Snowball Sampling*). Segundo esta, encontram-se os participantes por meio de recomendações de pessoas conhecidas, instruídas a indicarem pessoas adequadas ao perfil da pesquisa. Este método caracteriza-se pelo encontro de casos ricos em informação, atuando como bons exemplos para o estudo específico (PATTON, 1990).

Uma vez encontrados os participantes e declarada sua concordância em participar da pesquisa, foi marcada a data para o encontro presencial.

5.2 PARTICIPANTES

Dos dezenove voluntários encontrados, seis não foram selecionados para a pesquisa por não atenderem aos critérios de inclusão e de exclusão, com a ocorrência da perda ou a idade atual fora dos prazos estipulados. Houve, ademais, casos de pessoas residentes em outros estados que não puderam participar deste estudo, já que não podiam estar presentes para a entrevista.

Entre as pessoas encontradas que atendiam aos critérios estabelecidos, encontramos respostas indicativas de dificuldade em participar de uma pesquisa sobre o tema. Três pessoas sequer responderam ao convite, uma aceitou e mudou de ideia em seguida, outra recusou imediatamente o primeiro convite, duas aceitaram e posteriormente alegaram impedimentos à participação e uma sugeriu uma mudança do tema como exigência para aceitar o convite.

No caso das duas pessoas que tinham aceitado participar, a incompatibilidade de horários foi um impedimento; destas, uma se dispôs a ser entrevistada em particular, o que não pôde ser aceito pela pesquisadora em razão do método escolhido. Por fim, três pessoas aceitaram e concordaram com o horário e os termos estabelecidos para a entrevista. No entanto, uma destas, mesmo tendo confirmado, faltou ao horário marcado para a entrevista e justificou-se posteriormente, alegando não estar mais disposta a participar da pesquisa.

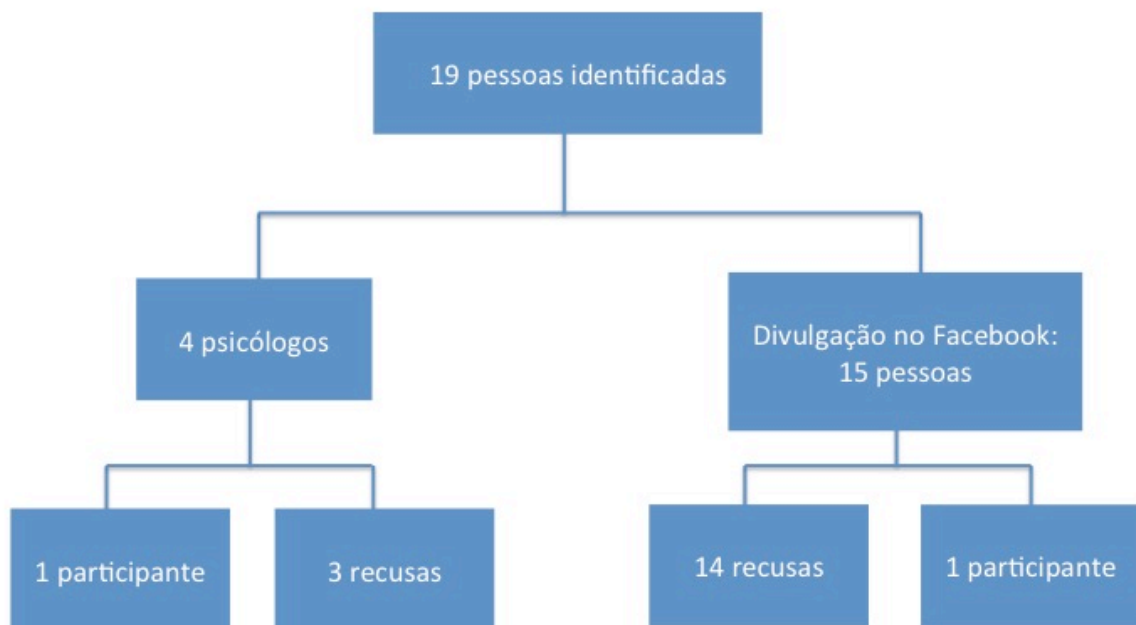


Figura 1 – Recrutamento dos participantes.

Foram dois os participantes: P. e R. encontram-se na fase adulta (18 a 35 anos) e vivenciaram a perda de um(a) irmão(ã) durante a infância.

Quadro 1 – Características dos participantes:

Participantes/idade	Ocupação	Sexo	Idade na perda	Irmão falecido aos	Causa de morte
P. 22 anos	Estudante de Psicologia	M	11 anos	2 anos	Desconhece com precisão-adoecimento
R. 30 anos	Psicóloga	F	3 anos	1 ano	Encefalite

5.3 PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

Para a exploração dos reflexos da perda fraterna a longo termo, foi utilizada a técnica de entrevista semiaberta em grupo, com participantes intencionalmente localizados. Utilizou-se um roteiro de perguntas e de temas (Apêndice A) cuidadosamente criado com a intenção de explorar a experiência vivenciada pelos participantes, sem que houvesse uma ordem precisa a ser seguida. O roteiro de entrevista, nesse caso, serviu para assegurar que todos os temas relevantes fossem abordados, ainda que ele não fosse necessariamente seguido de maneira padronizada.

Aos participantes foram feitas explicações sobre a entrevista de grupo, tendo sido também retomado o tema do estudo, com a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), que assinaram e do qual receberam uma cópia. A seguir, foram convidados a apresentar-se e a discorrer sobre a perda do irmão.

Ao finalizar a entrevista, os participantes puderam conversar livremente com a pesquisadora, esclarecendo dúvidas sobre o estudo, sobretudo no aspecto acadêmico deste, como prazo de término e data da defesa.

Para a coleta dos dados, a entrevista de grupo foi gravada em imagem de modo a se obter o registro mais completo possível, possibilitada a observação de sinais não verbais. O material gravado foi transcrito e os dados obtidos foram analisados, conforme as recomendações proscritas de Dawson, Manderson e Tallo (1993).

5.3.1 Local

Para evitar interrupções e garantir a privacidade dos participantes, o encontro ocorreu em uma sala de consultório psicológico particular, com isolamento acústico.

5.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

A análise de conteúdo é definida por Bardin (1977) como um composto de técnicas de análise das comunicações. É realizada em três fases: pré-análise, exploração e tratamento do material, e interpretação dos resultados.

Patton (1990) apresenta a análise e a interpretação da pesquisa qualitativa como um desafio que consiste na busca de sentido dos dados obtidos, reduzindo o volume da informação e identificando os padrões significativos ao construir os resultados.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, todos os dados obtidos foram levados em consideração desde o início do processo, que envolveu a busca e a realização de contato com os possíveis participantes até a realização do encontro. No trajeto da pesquisa, buscamos compreender dados significativos para o objetivo do estudo, levando-se em consideração tanto as atitudes dos participantes, sua ligação com o tema pesquisado quanto a relação com a pesquisadora.

Após a realização da coleta de dados, efetivamos a transcrição. Nessa etapa, os dados foram tratados com atenção e as observações, acuradas de maneira analítica. Questões consideradas importantes foram sendo destacadas nesse momento, como as expressões verbais e as reações corporais.

Como estratégia para analisar a entrevista, usamos o método de análise de conteúdo elaborado por Bardin (1977), no qual é realizada a leitura flutuante do material transcrito. Entramos em contato com os dados buscando não conduzir tal processo, permitindo o surgimento de impressões e hipóteses, com suporte da revisão da literatura realizada anteriormente. Estabelecemos um diálogo entre o material obtido e as teorias vigentes considerando o objetivo da presente pesquisa de compreender a partir da perspectiva do adulto jovem o luto pela perda de um irmão na infância.

O tratamento descritivo é a etapa do processo caracterizado pela organização e interpretação dos dados. Dessa maneira, o material foi organizado em categorias de fragmentação da comunicação, chamado de análise categorial, quando são separadas as unidades de registro (aspecto exato do corte) e as unidades de contexto (compreendendo o significado de acordo com o contexto).

Segundo Bardin (1977), as categorias permitem classificar os elementos de acordo com seus significados. Para este fim, criamos categorias de análise dos dados que não foram previamente determinadas. Nessa etapa, agrupamos em tópicos os dados que foram lidos exaustivamente para extenuar a totalidade do texto, adequando a classificação ao conteúdo simultaneamente ao objetivo do estudo.

Seguidamente, foi realizada nova análise de cada categoria com o material proveniente desta, a fim de redefinir a organização e o agrupando de categorias ou temas que possuíam conteúdos parecidos. Após tal análise, revisamos as categorias para assegurar que todo o conteúdo fosse considerado.

Buscamos compreender o material em sua totalidade (dados de observação e transcrição), entrando em intenso contato com os dados ao mesmo tempo em que nos distanciamos para conseguir explorá-lo de maneira completa, trilhando um processo criativo característico da pesquisa qualitativa.

De forma ampla, formamos categorias referentes ao processo de luto, à dinâmica familiar e ao suporte reconhecido. Especificamente, o conteúdo foi agrupado nas seguintes categorias: compreensão da morte na infância, participação nos eventos relacionados, reações ao luto, encontrar refúgio, luto dos pais, comunicação, suporte, luto não reconhecido, ter outro filho, recorrência, fantasia, curiosidade, ambiguidade, mundo presumido, religião, crescimento pessoal, religião, vínculo contínuo e terapia.

5.5 CUIDADOS ÉTICOS

A presente pesquisa foi desenvolvida com base nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, nº 510 de 2016.

Esteve também em conformidade com a Resolução 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no processo de número 073922/2016 sendo aprovado pela Plataforma Brasil com registro CAAE: 58200616.2.0000.5482.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A compreensão do processo de luto pela perda na infância foi realizada por meio do relato dos participantes, agora adultos, e de suas percepções e lembranças sobre tal processo. Nesse estudo exploratório, levamos em consideração a história de vida de cada um dos participantes, a qualidade do vínculo com o irmão perdido, a idade que tinham quando ocorreu a perda e as circunstâncias da morte para compreender o processo de luto.

A leitura da transcrição das entrevistas possibilitou a construção de categorias de análise do processo de luto pela perda de um irmão. Essas categorias não foram preestabelecidas, mas emergiram a partir da conceituação teórica e da entrevista. Os dados obtidos são muito singulares à perda e à dinâmica familiar de cada um e, por isso, são aqui apresentados separadamente, objetivando uma compreensão dos dados coletados. A criação das categorias abaixo foi baseada nos aspectos salientados e discutidos por Davies (1999). O quadro a seguir apresenta os fatores situacionais, ambientais psicossociais e individuais, os temas sobre tais fatores e, por fim, as categorias emergidas.

Quadro 2 – Organização das categorias

	Temas	Categorias emergidas
Fatores situacionais	<ul style="list-style-type: none"> - Causa da morte - Tempo decorrido desde a morte - Local da morte - Duração do tratamento - Envolvimento nos eventos relacionados 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreensão da morte na infância - Participação nos eventos relacionados - Reações ao luto - Encontrar refúgio
Fatores ambientais psicossociais	<ul style="list-style-type: none"> - Centralidade - Comunicação entre pais e filho - Ambiente familiar - Funcionamento familiar - Luto parental - Espaço de vida compartilhado 	<ul style="list-style-type: none"> - Luto dos pais - Comunicação - Suporte - Luto não reconhecido - Ter outro filho
Fatores individuais	<ul style="list-style-type: none"> - Idade - Gênero - Dependência - Estilo de enfrentamento - Temperamento - Contexto social e emocional - Autoconceito - Experiências prévias com perdas e morte 	<ul style="list-style-type: none"> - Recorrência - Fantasia - Curiosidade - Ambiguidade - Mundo Presumido - Religião - Crescimento Pessoal - Vínculo contínuo - Terapia

6.1 DESCRIÇÕES DAS CATEGORIAS

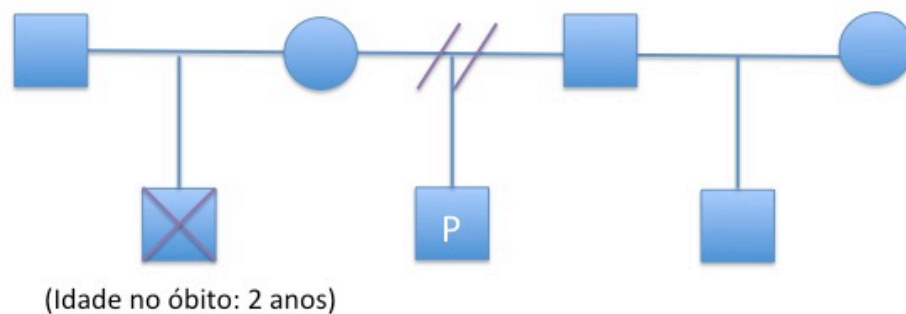
- *Compreensão da morte na infância*: são aspectos sobre o conceito de morte e a compreensão na época em que ocorreu a perda a partir do relato atual.
- *Participação nos eventos relacionados*: aspectos relacionados à participação e à escolha dos rituais realizados.
- *Reações ao luto*: são emoções, sentimentos e comportamentos a partir da concepção da perda.
- *Encontrar refúgio*: encontrar refúgio é uma forma de resposta, buscar sair do contexto de fuga no qual se vivencia sentimentos e emoções.
- *Luto dos pais*: a percepção da criança acerca do luto dos pais, construída a partir do seu modo de enfrentamento e da dinâmica familiar.
- *Comunicação*: presença, falha ou falta de diálogo com pais, amigos e família extensa sobre todas as questões que englobam a perda e o luto.
- *Suporte*: fatores relacionados ao amparo/auxílio proporcionado à criança enlutada.
- *Luto não reconhecido*: percepção da criança de que seu luto não foi considerado pela família, pelos pais ou por ela mesma.
- *Ter outro filho*: se houve ou não a intenção de ter um filho após a perda de outro.
- *Recorrência*: nesse tópico estão os aspectos do luto revividos em outros momentos da vida, ou seja, a revivência do luto.
- *Fantasia*: chamamos de fantasia aspectos projetivos sobre o irmão(ã) e a relação com ele.
- *Curiosidade*: são aspectos sobre o desejo de saber como seria o irmão e a relação com ele.
- *Ambiguidade*: questões abordadas com incerteza ou dualidade; ora com um significado ora com outro.
- *Mundo presumido*: como a concepção de mundo é alterada pós-perda.
- *Religião*: crenças e práticas religiosas preexistentes e/ou desenvolvidas a partir da morte do irmão presentes em questões relacionadas a doença, morte e o significado dado, podendo contribuir ou não para o processo de luto.

- *Crescimento pessoal*: percepção de que o processo de luto pela morte do irmão tenha possibilitado ampliação com conotação positiva em relação a si mesmo.
- *Vínculo contínuo*: continuar com lembranças frequentes da pessoa perdida ou por meio da realização de atividades é uma forma de dar significado à perda.
- *Terapia*: espaço para comunicação, reflexão e elaboração da perda e dos conflitos a ela relacionados.

6.2 ANÁLISE DOS CASOS

Na análise de cada caso, são apresentados trechos do relato dos participantes para ilustrar as categorias analisadas.

6.2.1 Caso 1



LEGENDA

//	Divórcio	X	Óbito	P	Entrevistado
----	----------	---	-------	---	--------------

Figura 2 – Genograma P. (Caso 1).

Características de P.

Gênero: masculino

Idade: 22 anos

Perda: irmão adotivo faleceu aos dois anos

Ocupação: estudante de psicologia

Causa da morte: até hoje desconhecida, por adoecimento.

Local da morte: hospital

Breve histórico

P. se dispôs a participar da pesquisa, respondendo prontamente às solicitações quanto às possibilidades de horários e ao local do encontro. Os pais de P. são divorciados e ambos recasaram. Ele mora com a mãe e o padrasto até hoje. Por volta dos 10 anos de idade, sua mãe e seu padrasto adotaram seu irmão, que chegou com 1 mês de vida e morreu aos 2 anos de idade, quando P. tinha 11 anos. Em seu relato, consta que o irmão tinha crises de convulsão e foi internado mais de uma vez. Na última internação, que durou aproximadamente um mês, entrou em coma e morreu. P. também possui um irmão por parte de pai, com o qual tem uma relação distante. Comenta a relação com os irmãos:

Eu tenho um irmão por parte de pai, que, curiosamente, meu irmão por parte de pai nasceu no dia dois de setembro e o meu irmão V. chegou em casa dia dois de setembro. Então num dia só ganhei dois irmãos... E a minha relação com meu irmão por parte de pai é muito rasa, assim, sabe?

Compreensão da morte na infância

P. relata que não compreende a causa de morte do irmão até hoje, por mais que ele tenha acompanhado os acontecimentos e suas internações. Ele hesitou em aceitar a morte do irmão, ainda que uma criança de 11 anos já tenha compreensão do conceito de morte.

[...] até hoje não tem uma explicação, em termos médicos, do por que do falecimento.

... eu perguntei se tinha alguma chance do meu irmão acordar, bem infantil... eu já sabia que ele tinha... mas, na minha cabeça... eu tinha uma esperança de que ele pudesse acordar. E aí minha mãe, meu pai, meu padrasto “Não, não tem a menor chance”.

Participação nos eventos relacionados

P. pôde participar junto com os pais ativamente da escolha e da realização do ritual funerário, sendo este um aspecto facilitador para o seu processo de elaboração do luto.

[...] Ela perguntou para mim se eu preferia que ele fosse cremado ou que ele tivesse um enterro. E na época para mim fazia sentido eu falar que eu queria que ele fosse enterrado...

Reações ao luto

P. se lembra com certa clareza de suas reações imediatas ao receber a notícia da internação do irmão e as reações frente aos eventos relacionados à morte deste, como choro, desespero, sofrimento, tentativa de “pensar em outra coisa”. Descreve também suas reações quando passou a lidar com a morte do irmão, mesmo antes que ele morresse – luto antecipatório.

quando eu recebi a notícia de que ele estava em coma, eu chorei, acho que foi, até hoje, a época em que eu mais chorei na vida. Chorei muito, fiquei horas gritando, assim, desesperado. E aí, no decorrer do tempo, foi uma coisa assim, eu estava bem anestesiado, assim, não estava acreditando que aquilo era real, né. E aí depois quando ele faleceu foi muito difícil...

[...] eu lembro de ter entrado no carro e... eu comecei a cantar, eu voltei para casa cantando um monte de músicas... vendo agora, eu, com 10/11 anos naquela época, foi minha maneira de sair daquele ambiente. Cantar para não ficar com a cabeça naquilo, eu voltei cantando o caminho inteiro, direto até em casa. Então é meio bizarro, mas para mim foi o que fez sentido... Do enterro para casa foi isso, eu voltando para casa cantando e perguntando se eu ia para a escola ou não.

[...] eu tinha toda essa questão de que eu não podia demonstrar o meu sofrimento na frente da minha mãe... na minha ideia eu ia piorar tudo, né. Então eu chorava tomando banho, escondido... E foi um negócio que eu acabei internalizando muito, de certa forma.

Encontrar refúgio

Considerado um tipo de resposta ao luto, a escola foi para P. um refúgio, um local onde ele podia se distrair e se distanciar das questões relacionadas ao luto e do ambiente familiar.

[...] Até hoje eu tenho na minha cabeça que meu melhor ano na escola foi 2005, então foi muito compensatório por esse lado. Quando eu ia pra escola eu saía da questão do meu irmão, eu me distraía. Era muito legal, era uma época com novas amizades, enfim. Então foi muito bom por esse lado, né. Quando eu estava com a cabeça ocupada na escola, eu não sofria.

Luto dos pais

Por meio da percepção do filho pode-se evidenciar o processo de luto vivenciado pelos pais e como esse afetou a dinâmica do sistema familiar. O sofrimento da mãe de P. fez com que ele reagisse de forma a esconder suas próprias reações ao luto e, conseqüentemente, não querer falar sobre isso com sua mãe.

Mas aí eu chegava em casa e era como se eu adquirisse outra identidade, de uma pessoa que perdeu o irmão, que tem uma mãe que está em sofrimento, enfim...

a minha mãe foi muito difícil, assim... ela... surtou, né... eu estava com 10 para 11 anos, não era adulto, né, e nem... foi bem difícil para mim ver a minha mãe naquele estado.

[...] logo depois que a gente saiu do velório e voltou pra casa minha mãe ficou agachada no canto do meu quarto, não queria falar com ninguém... ela disse... que não precisava mais cuidar de mim..., que ela podia morrer naquele momento, que eu já era muito grandinho e podia me virar sozinho...

...foi muito desesperador (risos) e, nesse período, enfim, ela usou uns medicamentos muito fortes, ficou com depressão profunda, então ela não lembra de nada do que aconteceu durante um ano... daquele ano inteiro de 2005, ela praticamente não lembra nada. Sabe, assim... eu lembro, então as memórias ficaram marcadas pra mim, né.

[...] eu não podia demonstrar o meu sofrimento na frente da minha mãe... Então eu chorava tomando banho, escondido... E foi um negócio que eu acabei internalizando muito de certa forma... depois mais pra frente quando eu estava com 14 para 15 anos eu tive depressão... aí sim minha mãe estava um pouco melhor e tal, ela teve um olhar e uma preocupação comigo.

[...] me preocupo em como ela vai ficar... se ela traz um assunto em relação ao meu irmão, eu já passo para outra coisa, porque eu acho que ela nunca vai ser uma pessoa com quem eu vou conversar e poder desabafar, falar: "Putz, mãe, como eu sofri." Nunca vou chegar para ela e falar isso.

[...] ela vai se demonstrar fraca, não vai saber me confortar. Eu vou mais me preocupar falando com ela do que, em si, desabafar.

[...] queria adotar uma outra criança, queria adotar uma outra criança... e meu pai, né, meu padrasto, não.... Ela tinha essa necessidade de ter outra criança. Eu acho que no começo, com certeza, eu penso que era para repor um vazio do meu irmão.

[...] quando a minha mãe acaba trazendo à tona, eu meio que, não é que ignoro, mas é meio que eu não quero falar sobre isso com ela, porque acabei criando um certa raiva...

[...] eu tive que amadurecer muito rápido para poder ter que lidar com a mãe que eu tinha naquele momento, que era uma mãe que não conseguia me fornecer o suporte que é esperado de uma mãe.

Comunicação

A comunicação sobre questões relacionadas à morte e ao luto não foi e não é aberta, não somente com pessoas da família nuclear e extensa, mas também com os amigos de P. Isso esclarece que para P. não é fácil falar sobre a morte e o luto do irmão. Apesar de ter um relacionamento muito próximo com a mãe, de acordo com P., ela é a pessoa com quem tem maior dificuldade de comunicação sobre esse assunto, uma vez que ela também estava vivenciando seu próprio luto.

Recentemente, P. pôde conversar sobre o assunto com a mãe e refere ter sido terapêutico. A comunicação em relação ao processo de luto está presente no sistema familiar desde o adoecimento do irmão e até o presente momento, o que demonstra a importância do cuidado quanto a qualidade e a manutenção desta.

Durante... até esse tempo é como se eu não tivesse ninguém pra conversar a respeito da morte do meu irmão, porque com a minha mãe, que é a pessoa com quem eu tenho maior proximidade, até hoje, é meio que um tabu... eu evito falar porque eu tenho receio de que ela se descompense, enfim, né.

O meu padrasto, meu pai, né, ele também tem uma característica muito fechada. Se eu precisar falar, ele vai me ouvir, mas ele também não é daqueles que vai falar “Ah, então, filho como você está? Você quer conversar?”, não tem isso.

E a minha família também é muito pequena, nunca teve alguém que veio... “ai, P., vem conversar, se precisar de algum negócio... pra desabafar, né”

[...] a gente teve uma discussão esse ano e eu trouxe à tona essas questões, que eu lembrava de coisas muito pesadas que aconteceram naquela época e ela não lembrava. Aí ela falou: “Não, me conta...” foi bem terapêutico conversar com ela a respeito.

se ela traz um assunto em relação ao meu irmão eu meio que já passo para outra coisa, porque eu acho que ela nunca vai ser uma pessoa com quem eu vou poder conversar e poder desabafar.

Ficou um negócio meio velado mesmo na minha família em si e, quando a minha mãe acaba trazendo à tona, eu meio que, não é que ignoro, mas é meio que eu não quero falar sobre isso com ela, porque acabei criando uma certa raiva...

Suporte

Houve suporte reconhecido por P. Por parte da família extensa, da escola e do padrasto. Em alguns momentos foram apontados a falta de suporte, especificamente, em relação à comunicação por parte da sua mãe. O participante percebe que o suporte oferecido não foi suficiente.

[...] teve uma preocupação muito grande da família comigo, em me distrair. E eu acho que o colégio foi muito bacana nesse respeito. Acho que teve um tato muito legal dos professores. Eu acho que felizmente eu sempre fui uma pessoa rodeada de amizades, então as minhas amizades da época também me deram um megasuporte... eu acho que tudo que faltou da minha mãe naquele momento, eu acabei recebendo de outras pessoas. Eu acho que, óbvio, não foi o suficiente, porque se não acho que não teria desenvolvido questões que depois acabei, na depressão, desenvolvendo e tal. Mas foi um suporte bacana.

[...] E como eu não tinha ninguém para conversar na época...

[...] O meu pai, meu padrasto, ele deu tipo um suporte bem legal para mim.

Luto não reconhecido

Em sua fala, P. demonstra que muitas vezes as pessoas de seu convívio não compreenderam ou não perceberam seu processo de luto, citando alguns pontos como falta de suporte dos amigos, da família extensa e da mãe.

“E a minha família também é muito pequena, nunca teve alguém que veio... “ai, P., vem conversar, se precisar de algum negócio... pra desabafar”, né... e os amigos nessa época não tem essa questão de “Vamos conversar a respeito disso.”

Da minha mãe, realmente, no primeiro ano, foi bem inexistente, por conta de toda medicação que ela estava tomando.

Ter outro filho

P., ao ser questionado sobre a intenção de seus pais “terem outro filho”, apresentou reações corporais como se essa fosse uma questão importante e que que ainda não havia sido abordada. Em um momento de sua fala, tal questão aparece como hipótese de substituição do irmão perdido, o que acabou acarretando conflitos no relacionamento entre seus pais.

[...] no mesmo ano... minha mãe já comentando que queria adotar uma outra criança... e meu pai, meu padrasto, não. Para ele, o V. tinha sido o único e ele não via mais sentido em adotar uma outra criança. Então... eles quase se separaram por conta disso...

[...] essa questão foi muito delicada. Minha mãe perguntava o que eu achava, tentava meio que me manipular para eu ficar do lado dela e perguntava o que eu acharia se ela se separasse do meu padrasto, como eu ficaria. E eu lembro que eu estava superfragilizado. Então: “não, não quero que vocês se separem”. Eu acho que isso foi um ponto muito pesado no casamento dos dois...

[...] Foi muito difícil nos primeiros anos, era uma ideia muito pertinente na cabeça da minha mãe. Ela tinha essa necessidade de ter outra criança. Eu acho que no começo, com certeza, eu penso que era para repor um vazio do meu irmão. Depois eu até pensei: “Não, ela quer ter outro filho, porque quer outro filho mesmo, não para repor”. Mas o meu pai sempre foi muito firme com o “Não, não quero. É só o P. e o V. e acabou”. Então isso foi uma questão com a qual ela teve que lidar muito, assim, na terapia dela. O fato de ela não poder ser mãe de novo.

Recorrência

A recorrência aqui é percebida por ainda haver momentos de tristeza relacionados à perda.

“Hoje... é óbvio que tem momentos que são meio simbólicos, né, então, tipo, a data né, que foi 20 de março que ele faleceu, fica... até hoje fica um clima meio, meio[...] de luto, assim, quando chega no dia... quando tem essas questões, data de nascimento, data que ele faleceu, vem sentimentos mais de saudade e também de tristeza, eu e a minha mãe, a gente já consegue lidar melhor com a perda.

Fantasia

P. apresenta aspectos positivos e negativos projetados em relação ao seu irmão e ao que seria seu relacionamento com ele, o que chamamos de fantasia.

Eu sofri bastante, assim, porque era um irmão que eu tinha meio que projetado..., tinha projetado levar ele para a escola e buscar, ajudar a fazer lição de casa, cuidar quando tivesse pesadelo, ficar comigo. Então, assim, foi muito sofrido assim.

[...] eu meio que não consegui realizar essas questões, tipo, esses desejos de ter um irmão e poder fazer “n” coisas com ele, ter um companheiro.

[...] Como eu não tive oportunidade de crescer com ele, óbvio que eu vou pensar nele como uma pessoa boa, querida. Não como alguém que “Ai, ele ia me dar muito trabalho, ia ser muito chato, muito mimado”... pensar em coisas negativas, então quando eu lembro dele eu lembro com uma imagem boa, positiva. Que é o que eu cultivo dele, que eu imagino também ele com 13 anos como uma pessoa legal, enfim.

Curiosidade

Há questões presentes sobre como seria o irmão e a relação com ele.

[...] até hoje eu penso. Conforme eu vou envelhecendo, ele também estaria envelhecendo. Então, eu penso: “Putz, hoje ele estaria com 13 anos..., ia ficar em uma fase muito chata, pré-adolescente.”

[...] sempre que eu tenho um problema de família eu penso: “Meu, se eu tivesse meu irmão, querendo ou não, ia ser alguém que eu ia poder dividir essas angústias, esses momentos de raiva” [...]. Mas também de alegrias, de conquistas. Então o fato de ter alguém com uma idade próxima a mim e ser meu irmão, eu sinto muito isso, não ter ninguém para poder compartilhar, penso muito que, quando eu envelhecer, com quem eu vou poder comentar a res... não vou ter um irmão para poder pontuar essas coisas.

Mas voltando para o V., que é o meu irmão, eu sempre, nesses momentos,... imagino o que ele estaria fazendo agora.

Ambiguidade

Ao falarmos sobre a escolha da profissão, P. em um primeiro momento relaciona sua opção pela psicologia com a vivência da perda do irmão. Posteriormente, porém, refere outros motivos, demonstrando falta de reflexão sobre tal tema e ambiguidade em seu discurso.

[...] mas... sim, eu acho que também tem uma questão... para ser sincero eu acho que não.

Mundo presumido

Após a perda, a realidade antes conhecida por P. é “desafiada” e uma nova concepção de mundo se faz necessária. Nessa transição, a morte de seu irmão é utilizada como parâmetro.

depois que eu perdi meu irmão... eu fiquei meio, não sei se é cético a palavra certa, quando eu via alguma coisa, por exemplo, uma desgraça na TV..., era um negócio que antes, eu me impressionaria mais, mas que depois de ter perdido o meu irmão, que para mim foi uma dor imensa... ah, tá bom... não faz... eu perdi meu irmão, o sofrimento.... Nada vai ser tão doído quanto isso.

Religião

A religião esteve presente no discurso do participante e foi apresentada como facilitadora na busca de sentido sobre a morte e o luto. P. referiu durante a entrevista que sua mãe lhe deu um livro de espiritismo que o auxiliou na compreensão da morte. Nota-se, ainda, a presença de atividades relacionadas à religião que passaram a fazer parte de sua vida após a perda do irmão, como uma forma de ressignificação.

Aí eu fui chamar os meus pais, aí eles vieram e a gente fez tipo uma prece, nisso minha avó chegou, fizemos uma prece nós quatro, assim, eu fico arrepiado... a gente terminou de fazer a prece, tipo, apitou, parou todos os batimentos e aí ele teve morte cerebral e acabou falecendo, né.

Acho que a questão da religião, que também, no caso, foi o espiritismo, me ajudou muito a elaborar assim o luto e a morte do meu irmão.

[...] eu sempre frequento um centro espírita que tem lá perto, que tem uma parte assistencial e, a partir daquele ano, eu comecei a trabalhar como voluntário no berçário até hoje. Então todo mês, dois sábados por mês eu estou nesse ambiente. Fico no berçário cuidando de bebês. Então, na época, para mim, era um negócio bem gostoso, assim. E, querendo ou não, servia para tirar um pouco daquele peso, enfim... e trazer um sensação boa, porque eu adoro bebês, amo de paixão...

Crescimento pessoal

Em seu relato, P. reconhece que a experiência de lidar com a morte do irmão e de conviver com sua mãe, também enlutada, trouxe aspectos positivos da vivência de luto, como maturidade, empatia e aprendizagem.

[...] fez uma diferença gigantesca na minha vida a partir daquele momento... Eu sempre me vi como uma criança mais responsável, um pouco mais madura... E perder meu irmão... tive que acelerar muito esse processo, né... então eu tive que amadurecer muito rápido para poder, ter que lidar, com a mãe que eu tinha naquele momento, que era uma mãe que não conseguia me fornecer o suporte que é esperado de uma mãe. Então eu acho que aquele ano acabei amadurecendo muito e tive que amadurecer no decorrer também, na minha adolescência para poder saber lidar com certas questões, poder ajudar minha mãe e... ainda me considero uma pessoa com uma certa maturidade comparado com as pessoas da minha idade.

O que mudou também é a questão da empatia, quando você tem uma pessoa próxima, que perdeu um ente querido, eu consigo perfeitamente me colocar no lugar de como ela está se sentindo e o sofrimento por que ela está passando, então, assim, eu compartilho da minha experiência, falo que vou estar para o que precisar... porque, querendo ou não, tem coisas que só quando você vive na pele que você tem uma dimensão mais precisa do que é. Talvez se eu não tivesse perdido o meu irmão, não seria dessa forma, então, isso também é uma coisa que mudou bastante. A perda do meu irmão é um marco crucial na história de quem eu sou hoje, né?

Então, hoje em dia, ter amadurecido mais rápido, óbvio, acabou me privando de certas coisas quando eu era mais novo e em “n” contextos da minha vida, mas tem um lado bom, se eu for parar pra ver. O que eu tento hoje é parar de ver a morte do meu irmão como algo que... não só pelo lado ruim.

[...] teve um impacto muito grande sobre quem eu sou, na maneira como eu lido com essa questão da morte também... ele sempre vai ser um parâmetro pra mim.

O que implicou na minha vida é que desde aquela época, eu frequento um centro espírita... a partir daquele ano, eu comecei a trabalhar como voluntário no berçário até hoje. Então todo mês, dois sábados por mês, eu estou nesse ambiente. Fico no berçário cuidando de bebês. Era um negócio bem gostoso assim. E, querendo ou não, servia para tirar um pouco daquele peso, enfim... e trazer um sensação boa, porque eu adoro bebês, amo de paixão...

Vínculo contínuo

P. retrata momentos em que pensa no irmão e as formas utilizadas para continuar conectado a ele no dia-a-dia. Em um momento, P. se refere ao irmão como presente, demonstrando que a condição de irmão não teve fim.

[...] acabo pensando bastante nele... todo dia quando eu acordo, faço uma prece para ele... não é uma coisa que eu apaguei da minha memória, não, muito pelo contrário. Ele sempre vai estar... eu sempre vou lembrar dele, só que eu sempre tento lembrar de uma maneira gostosa, da época que ele estava aqui que foi muito boa... lembrar com carinho e não na parte mais sofrida.

[...] todo dia eu acordo, faço uma prece e faço uma prece pra ele. Agradeço pelo dia, penso nele e, no meu quarto mesmo, do lado da minha cama tem uma foto desse tamanho dele, então (risos)... às vezes eu entro no meu quarto e ele está... uma foto dele, acaba virando uma coisa meio batida, é só uma coisa que está lá, uma foto dele. Mas óbvio que tem momento que eu olho e vem alguma lembrança. Então é bem recorrente, bem recorrente...

[...] daquele ano, eu comecei a trabalhar como voluntário no berçário até hoje. Então todo mês, dois sábados por mês eu estou nesse ambiente. Fico no berçário cuidando de bebês... acredito que nisso sim tenha influenciado muito eu ter isso para fazer lá no voluntariado.”

Mas voltando para o V., que é o meu irmão...

Terapia

P. iniciou o processo terapêutico por volta dos 14 anos – 3 anos após a perda – quando iniciou um quadro depressivo. A terapia possuiu e ainda possui papel importante em sua vida e, por meio dela, ele pode trabalhar questões relacionadas à perda, ao irmão e ao relacionamento com a mãe. Para P., essas questões foram propulsoras no que se refere ao seu desenvolvimento como pessoa. Os aspectos relacionados à morte e a à perda estão presentes no trabalho psicoterápico, tanto em datas especiais quanto em conteúdos internos projetados na figura do irmão por meio de fantasia. A terapia teve também um papel importante para a sua mãe, a qual pôde trabalhar questões relacionadas ao luto, à depressão e ao fato de não ter outro filho.

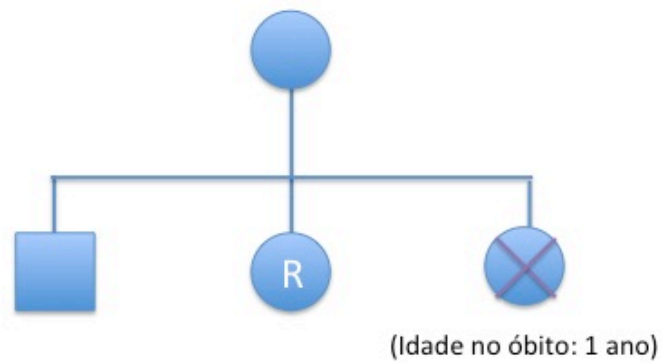
[...] mais pra frente, quando eu estava com 14 para 15 anos, eu tive depressão.... E aí foi que eu pude, que aí sim minha mãe estava um pouco melhor e tal, ela teve um olhar e uma preocupação comigo. Aí eu usei, acho que um semestre, de medicação do psiquiatra, de medicamento antidepressivo e depois parei. Foi na época que... aí comecei a fazer terapia naquele ano e continuo fazendo até hoje, né... as coisas foram... aos poucos... meio que se acalmando em relação à minha mãe, né.

[...] agora já faz um tempo que eu faço terapia então, já foi muito melhor... elaborar essas questões, eu consigo falar com tranquilidade agora, mas foi uma época bem difícil... quando tem essas questões, data de nascimento, data que ele faleceu, vem sentimentos mais de saudade e também de tristeza, eu e a minha mãe, a gente já consegue lidar melhor com a perda. Não que não tenha momentos que ela não lembre, não comente alguma coisa ou outra, mas assim, perto do que foi na época mesmo que ele faleceu e nesse primeiro ano seguido da morte dele foi muito, muito complicado. As coisas foram, aos poucos... ela também fazendo bastante terapia, foram meio que se estabilizando um pouco.

[...] E nesse ponto que a terapia sempre foi, quando eu comecei a fazer, né, foi fundamental para poder distrair dessas questões que ficaram sempre acumuladas.

Pelo fato de ele ter sido sempre muito idealizado por mim, eu criei essa imagem que depois, em terapia, eu fui tentando desconstruir, né... querendo ou não como ele... tinha quase dois anos... então sempre foi uma criança pura, sempre foi meio que o irmão ideal. Sempre, quando me remeto a ele, é como se fosse o irmão ideal.

6.1.2 Caso 2



LEGENDA



Figura 3 – Genograma R. (Caso 2).

Características de R.

Gênero: feminino

Idade: 30 anos

Perda: irmã de um ano de idade

Ocupação: psicóloga

Causa de morte: adoecimento, encefalite

Local da morte: em casa

Breve histórico

Quando R. perdeu sua irmã de um ano de idade, ela tinha 3 anos e seu irmão mais velho 5 anos. R. conta que a irmã ficava doente com frequência e que sua mãe chegou a viajar em busca de tratamento para a irmã. Em seu relato, não houve a presença da figura paterna.

Compreensão da morte na infância

R. era muito nova quando perdeu sua irmã, motivo pelo demonstra certa confusão ao abordar os aspectos relacionados a essa circunstancia quanto aos fatos ocorridos e o motivo da morte. Ao mesmo tempo, observa-se que, surpreendentemente, ela se lembra do dia da morte e das cenas que nele se transcorreram.

[...] É uma coisa assim que eu nunca consegui esquecer, eu fico admirada por eu lembrar, com três anos, eu lembro, né, poderia lembrar de outras coisas, mas não. Lembro desse dia que eu perdi minha irmã. E no mais é isso...

[...] Lembro do momento em que eu estava no quarto e deitaram ela na cama, eu estava na cama junto e trouxeram o caixão. Eu lembro que era um caixão que eu me perguntava, assim, nossa, mas é um caixão tão grande para ela.

[...] Eu sei que hoje em dia esse acontecimento levou a muitas coisas na minha vida adulta, repercutiu. Mas, assim, coisas de sentimentos, é engraçado, eu não lembro de sofrimento, não lembro de dor assim [...] é como se estivesse no concreto.

Participação nos eventos relacionados

R. não participou do velório nem do enterro e lembra-se de ter questionado sua mãe sobre a possibilidade de ir e a razão de não ter ido.

[...] Aí levaram e eu lembro desse momento que minha mãe retorna, sai do carro e eu pergunto o porquê.

Luto dos pais

O luto da mãe esteve muito presente especificamente em relação à comunicação sobre tal assunto. Como abordado anteriormente, a participante não abordou em nenhum momento a figura paterna.

Só ficou ali da questão de querer saber, mas sempre ninguém... eu pelo menos nunca perguntava pra evitar um sofrimento da minha mãe.

Não sei o por que dos outros, mas para mim eu nunca gostei de tocar no assunto, porque foi uma coisa que minha mãe sempre falou de forma muito sofrida... sempre quando ela conta ela diz que a vontade dela era ter se matado, ter se jogado da escada pelo que aconteceu, né.

[...] Uma questão que eu me ponho é como foi para a minha mãe maternar essas crianças depois da perda... e acabou repercutindo na gente, né. Como foi para ela até o tempo de ela fazer o luto e cuidar das outras crianças que ficaram.

Comunicação

Para R., falar com a mãe e com a família sobre a morte da irmã não foi apresentado como uma ação fácil, pelo contrário, conversar sobre tal assunto é algo que se realiza com dificuldade até os dias atuais.

[...] eu sei que ficou algo muito velado na minha família, porque, assim, a gente sabia o que tinha acontecido, mas ninguém tocava no assunto, porque poderia causar sofrimento para a minha mãe. Pelo menos eu sempre evitei muito de falar, perguntar. Então ficou assim por muitos anos uma coisa, assim, uma incógnita, sabe? Uma coisa que parece que não foi simbolizada, sabe? Só ficou ali da questão de querer saber, mas sempre ninguém... eu pelo menos nunca perguntava pra evitar um sofrimento da minha mãe.

[...] nunca questionei porque foi uma coisa assim que nunca foi muito tocado, falado. Não sei o porquê dos outros, mas para mim eu nunca gostei de tocar no assunto, porque foi uma coisa que minha mãe sempre falou de forma muito sofrida [...] Então eu sempre vi muito sofrimento, um lugar que eu nunca quis perguntar, nunca quis falar muito, né. O lugar que eu tive para falar sobre isso nas minhas terapias né.

Conta do dia que a V. morreu, o que ela estava fazendo. É muito estranho, sempre é algo muito ligado ao religioso, sabe? E aí são só essas coisas, mas é algo que me dói muito falar sabe?

Mas depois já de grande... das vezes que eu tive coragem de perguntar, quando minha mãe abria espaço e começava a contar a história eu perguntava do que ela morreu, o que aconteceu... eu aproveitava quando ela começava a contar história, às vezes, ela conta para uma ou outra pessoa, aí eu perguntava, o que aconteceu, como foi, do que ela morreu...

Suporte

R. reconhece como suporte os momentos em que conseguiu dialogar sobre o assunto com seus pais. Para a participante, o seu irmão mais velho recebeu suporte quando demonstrou ter dificuldade de lidar com a morte e o luto da irmã, e os seus pais o levaram para atendimento psicoterápico.

[...] quando minha mãe abria espaço e começava a contar a história eu perguntava do que ela morreu, o que aconteceu, eu acho que isso é uma forma de suporte, de escutar.

Como eu era muito nova, imaginavam que eu nem lembraria da situação. Meu irmão que tinha, eu tinha três, ele tinha cinco. Ele, sim, começou a desenvolver, assim, tipo uma depressão, começou a ficar muito voltado só para ele. Ele, sim, foi levado para a terapia, mas eu não. Acharam que eu era muito jovem, que não ia ser necessário. Mas aí (risos) ... seria algo que teria sido importante para mim, de ter três anos, de ser pequena, eu acho que ficou muito estranho pra mim aquilo que aconteceu.

Ambiguidade

A ambiguidade está presente no discurso de R. quando em alguns momentos ela menciona pensar com frequência na irmã e sentir sua falta, e em outros reporta que não pensa nem sente mais sobre esse assunto. Isso pode estar ligado ao fato da perda ter ocorrido quando a participante era muito criança, pois a memória dos dados não se apresenta com clareza, o que possibilita certa confusão e ambiguidade sobre os fatos. Nota-se que, ainda assim, há percepção de angústia ao falar sobre a morte da irmã.

Mas não é algo, assim, de que eu sinta tanta falta, isso que eu acho estranho, mas, assim, é como se eu sentisse a falta dela.

Talvez uma vez por dia. Não sei. Nunca parei para pensar nisso, mas não é uma coisa que me ocorre muito.

Hoje em dia para mim é dolorido, assim, sempre que eu falo na minha análise me angustia, angustia falar...

Luto não reconhecido

R. era muito pequena quando ocorreu o incidente e, na época, trataram-na como alguém que não necessitasse de explicações, pois devido a sua pouca idade, para os pais, ela de qualquer maneira não entenderia a situação e os eventos relacionados à morte da irmã. Portanto, R. não foi ao velório nem ao enterro e também não lhe foi oferecido suporte profissional como foi ao irmão que demonstrou, de alguma maneira, sua tristeza.

E aí eu lembro que eu perguntei para ela: "Poxa, por que você não me levou?" e tudo mais, e ela disse que eu era muito nova para compreender tudo.

Como eu era muito nova, imaginavam que eu nem lembraria da situação. Meu irmão que tinha, eu tinha três, ele tinha cinco. Ele, sim, começou a desenvolver, assim, tipo uma depressão, começou a ficar muito voltado só para ele. Ele sim foi levado para a terapia, mas eu não. Acharam que eu era muito jovem, que não ia ser necessário.

Ter outro filho

R. parece não ter clareza do que aconteceu e relata ter buscado entender por que sua mãe não teve outro filho.

Não, porque, como foram os três cesáreas, não tinha possibilidade né. Uma vez eu perguntei para ela por que ela não teve outro, ela disse que não tinha condições porque ela disse que fez cesárea. Aí o quarto teria que ser cesárea, mas não poderia, que já tinham feito três vezes, aí não poderia ter um quarto por cesárea.

Recorrência

Apesar de R. referir não se lembrar de questões relacionadas especificamente à morte, há em sua fala a presença da angústia ao entrar em contato com o assunto.

[...] Hoje em dia para mim é dolorido, assim, sempre que eu falo na minha análise me angustia... angustia falar.

Fantasia

Estão presentes em seu discurso, pensamentos projetivos em relação à irmã e ao relacionamento que teria com ela.

Hoje em dia eu comecei a pensar como seria a vida com ela, com a presença dela. Nós tínhamos só um ano de diferença, e eu começo a pensar em como seria ter a companhia dela.

[...] eu sinto falta dela nesse sentido, de como estaria sendo hoje em dia, tipo, eu tenho 30 anos e aí ela estaria com 29. Será que ela estaria casada, com filhos... eu sinto falta dessas coisas que não aconteceram, sabe? De coisas... se ela seria minha amiga, se nós seríamos companheiras, se nós brigariamos. Penso, assim, o que seria de diferente... eu penso nessas coisas que poderiam ter acontecido.

Curiosidade

A curiosidade quanto à pessoa perdida e à relação com ela são presentes para R. Quanto à maneira da curiosidade se expressar, esta pode estar relacionada à proximidade de idade das duas irmãs e por serem do mesmo sexo.

[...] penso todo dia... coisas boas, assim, como seria se ela tivesse aqui, junto da gente?

Hoje em dia eu comecei a pensar como seria a vida com ela, com a presença dela. Nós tínhamos só um ano de diferença, e eu começo a pensar em como seria ter a companhia dela.

Vínculo Contínuo

Em um momento da entrevista, R., ao falar sobre sua família, menciona serem em três irmãos, demonstrando o status da irmã como ainda presente. Em outro momento, R. demonstra o desejo de trabalhar com crianças em consultório por influência da vivência da perda de sua irmã.

[...] Nós somos em três, ao todo são três, né. Tem um mais velho, eu sou atualmente a caçula, mas na época eu era a do meio e tínhamos a V., que era a nossa irmã caçula.

[...] eu tenho um desejo muito grande de trabalhar com criança no consultório, né... Hoje em dia eu vejo que a perda da V. repercute nas coisas, hoje em dia, por exemplo, dificuldade de lidar com a morte, no desejo de, de... cuidar de crianças, né? Então, é isso, que eu também vejo a influência da perda.

Religião

A religião é abordada por parte da mãe e não da própria participante.

As raras conversas que R tem com sua mãe em relação às questões da perda é permeada por aspectos religiosos, presentes no decorrer do tratamento da doença da irmã.

[...] conta que veio pra São Paulo buscar tratamento para a V. e não deu certo, ela voltou, buscou o espiritismo e aí... foi aí que a V. começou a melhorar de saúde, começou a andar, começou a parar de convulsionar, com os tratamentos, lá, religiosos, ela conta isso... Conta do dia que a V. morreu, o que ela estava fazendo. É muito estranho, sempre é algo muito ligado ao religioso, sabe?

Terapia

A terapia não teve como queixa o luto da irmã, porém, R. relata que falou sobre esse tema na primeira sessão e chorou muito ao entrar em contato com essa temática. Mesmo sendo pequena quando ocorreu a perda, R. reconhece a necessidade de tocar nesse assunto, mas percebe que sua família não tem facilidade para abordá-lo. Desse modo, o espaço encontrado por ela para entrar em contato e falar abertamente sobre a morte foi na terapia.

[...] quando eu estava no final da faculdade, que eu fui fazer terapia, no primeiro dia de terapia eu contei essa história assim sabe? E eu comecei a chorar muito, então assim. Eu busquei a terapia por uma questão de muita agressividade, estresse...

[...] Eu tenho trabalhado muito essa perda como algo que está ocasionando muitas outras coisas, de um sofrimento... Então ficou assim por muito anos uma coisa assim, uma incógnita, sabe? Uma coisa que parece que não foi simbolizada, sabe? Só ficou ali da questão de querer saber, mas sempre ninguém...

[...] O lugar que eu tive para falar sobre isso foi nas minhas terapias, né.

Hoje em dia para mim é dolorido, assim, sempre que eu falo na minha análise me angustia, angustia falar...

[...] Acho que através da minha análise eu comecei a reparar que algumas coisas, assim, dos meus conflitos, estão ligados de certa forma à perda dela.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo exploratório qualitativo teve como objetivo compreender o processo de luto pela perda de um irmão na infância segundo a percepção do adulto jovem. Para compreender o sentido da perda de um ente, é preciso considerar o relacionamento pré-morte, ou seja, o grau de proximidade, a importância que um possui na vida do outro e os papéis desempenhados em tal relação.

Os resultados nos permitem reforçar que a perda de um irmão na infância pode produzir transformações em diferentes aspectos do desenvolvimento emocional da vida do enlutado. Para alguns, pode ocorrer logo após a perda; para outros, essas interferências podem surgir com o passar do tempo.

Para a realização da prática da pesquisa, enfrentamos dificuldades para encontrar, num primeiro momento, pessoas dispostas a participar do estudo exploratório. Após essa etapa, esbarramos, em um segundo momento, com outra dificuldade: a participação do encontro em grupo. Ao aproximar-se da data preestabelecida, alguns participantes começaram a colocar empecilhos para data/lugar/horário do encontro, pararam de responder aos contatos da pesquisadora ou simplesmente não compareceram. Acreditamos que tal dificuldade possa advir da resistência dos participantes conversarem sobre o tema proposto num contexto grupal, uma vez que outros possíveis participantes que haviam inicialmente aceitado participar da pesquisa, prontificaram-se a participar da entrevista caso esta fosse individual.

O método de recrutamento dos participantes encontrou uma amostra de conveniência tendenciosa, pois os dois participantes são da área da Psicologia. Esses dados apontam a dificuldade de pessoas de fora da área da Psicologia de falar sobre o luto e estarem dispostos a contribuir para uma pesquisa. Além disso, há valorização da psicoterapia por parte das pessoas dessa área, uma vez que os dois participantes fizeram terapia e já haviam trabalhado as perdas em diferentes momentos da vida. Isso também pode esclarecer a razão dos dois participantes da amostra aceitarem prontamente falar sobre o irmão perdido e o luto vivenciado em consequência dessa perda mesmo em um contexto grupal.

O roteiro de entrevista foi criado com base na revisão de literatura sobre luto de um irmão a longo prazo e a análise dos dados foi guiada pelos fatores criados por Davies (1999). Optou-se apresentar os dados de cada caso separadamente para

melhor compreensão do histórico da perda e da elaboração de cada um. Assim, as categorias emergidas a partir da entrevista deste estudo foram separadas da seguinte maneira:

- Fatores situacionais: compreensão da morte na infância; participação nos eventos relacionados; reações ao luto; encontrar refúgio.
- Fatores ambientais; luto dos pais; comunicação; suporte; luto não reconhecido; ter outro filho.
- Fatores individuais: recorrência; fantasia; curiosidade; ambiguidade; mundo presumido; religião; crescimento pessoal; vínculo contínuo; terapia.

Por meio da análise do relato de cada participante, observamos que os fatores situacionais apareceram em aspectos relacionados ao momento da perda e em questões ocorridas na época. Os fatores ambientais ocorrem desde a pré-perda até os dias de hoje, como em caso de adoecimento, a exemplo do primeiro participante. Fatores individuais dizem respeito à percepção dos participantes em seus processos de luto, provenientes dos fatores situacionais e ambientais, nos quais expressam sentimentos, emoções e percepções presentes atualmente, embora estivessem presentes desde o momento em que ocorreu a perda. A construção de significado é realizada com a passagem do tempo e de novos acontecimentos, reforçando a hipótese de que todas as categorias transmitem aspectos desde o momento pré-perda até questões atuais.

Nesse sentido, o tempo é um marcador importante no processo de luto de um irmão, ainda que não se possa basear somente nos aspectos temporais. As categorias e as questões abordadas se relacionam e estão interligados. A criação das categorias foi realizada a fim de organizar a análise, buscando com isso compreender em sua totalidade o processo de luto pela perda de um irmão.

Miles (2010) e Marshall e Davies (2011), em suas pesquisas, encontraram participantes que não haviam entrado em contato com suas perdas até mais tarde, quando adultos. Davies (1995) retratou que irmãos pensam com frequência no irmão perdido e falam pouco sobre o irmão falecido. A partir dos autores citados, podemos mencionar que não há espaço para falar sobre o irmão. Em nossa amostra, ambos os participantes da pesquisa abordaram o assunto, aproveitando a oportunidade para falar bem como para pensar no irmão perdido.

A dificuldade de evocar a memória do irmão perdido apareceu no discurso da segunda participante, quando, de forma ambígua, ela cita que ora era muito presente, ora ausente.

A categoria Religião foi inserida em fatores individuais, embora possua aspectos situacionais e ambientais. Principalmente no momento da perda, a religião que permeou os rituais fúnebres foi escolhida pelos pais. Optamos por inserir nos fatores individuais, posto que os dois participantes deram algum significado à temática da religião no relato atual sobre a perda.

A religião foi apresentada como aspecto positivo no processo de luto do primeiro participante, contribuindo na elaboração, como abordado por Bousso et al. (2011). Já a segunda participante não atribuiu grande importância à religião, tendo emergido somente em aspectos relacionados à busca de cura para a doença.

Como abordado ao longo do capítulo sobre luto de irmão, Davies (1999) discute as reações frente a esse tipo de perda. É evidente que as características subjetivas do enlutado, como a compreensão da morte e de seu conceito, à luz da idade, interferem na compreensão de outros aspectos da perda e do luto.

O primeiro participante apresentado se colocou mais durante toda a entrevista tanto verbalmente quanto por meio de gestos físicos. A segunda participante, em alguns momentos, concordava com P. conforme este relatava sua história, demonstrando lembrar-se de aspectos não abordados anteriormente. Este dado nos mostra que há características comuns da perda vivenciadas pelos dois, embora o histórico de cada participante seja diferente, assim como a elaboração é única e subjetiva. Ouvir o relato de outra pessoa que teve experiência semelhante, no caso a perda de um irmão, possibilita algum tipo de reflexão sobre o tema.

Como abordado na revisão de literatura sobre o tema, Worden, Davies e McCown (1999) apontam que meninas são mais afetadas do que meninos pela perda de irmão, principalmente se forem do mesmo sexo. Nesse sentido, o gênero/sexualidade dos participantes não nos apresenta algo sobre gênero e processo de luto. Em nosso estudo, acordamos com Davies (1999), que destaca a dificuldade encontrada para compreender as especificidades da perda por gênero.

Percebemos no relato de P. maior identificação com a mãe, uma vez que ele conta que tanto seu pai, seu irmão e seu padrasto são “fechados”, demonstrando maior afinidade com a mãe sobre o modo de reagir e responder ao luto.

Isso é demonstrado quando ele relata que sua mãe teve depressão e foi medicada assim como ele e que os dois fizeram terapia e trabalharam aspectos relacionados ao irmão.

Davies (1999) encontrou em um de seus estudos irmãos enlutados que não se recordavam com certeza do irmão ou da irmã falecido(a). A segunda participante referiu não se lembrar de aspectos relacionados à irmã e à perda. Os dados obtidos por ela são provenientes da construção de sua compreensão ao longo de sua vida, pois era muito nova quando ocorreu a perda.

O ambiente familiar de R. não foi favorável no sentido de proporcionar subsídios, dados e amparo para ampliação da morte da irmã e, por isso, a ambivalência é bastante presente em seu relato. Ao mesmo tempo em que alude não se lembrar dos fatos e sentimentos, relata ter sido esse o tema da primeira sessão de psicoterapia na época da faculdade. Seu irmão, que tinha 5 anos quando ocorreu a perda, apresentou sinais de tristeza e foi levado à psicoterapia na época. A família não teve com R. a mesma percepção e cuidado que teve com seu irmão por ela não ter expressado tais sinais. A própria participante, no recordar dos acontecimentos, aborda que uma intervenção terapêutica na época teria sido importante. Novamente, vale ressaltar que as suas reminiscências são resultantes da percepção de sua família e do que lhe foi contado.

Crianças enlutadas que foram ativamente envolvidas em eventos relacionados à morte, como o funeral, seja no planejamento ou na participação, demonstraram menos problemas comportamentais do que crianças que foram excluídas de tais atividades (MARSHALL; DAVIES, 2011). Na presente pesquisa, o primeiro caso parece compreender melhor a perda em relação aos aspectos situacionais da morte por ter participado do planejamento, enquanto no segundo caso, também pela questão da idade e do nível de desenvolvimento, tais aspectos não são claros. Portanto, possibilitar à criança uma escolha clara e bem informativa sobre querer ou não participar pode ser crucial para a elaboração do luto (MCCOWN, 1984; DAVIES, 1999). Este aspecto foi encontrado na fala de R.

As reações ao luto descritas por Davies (1999), “*Eu não pertencço*” e “*Eu não sou suficiente*” foram identificadas no processo de luto dos dois participantes, mesmo que de maneira indireta. A autora exemplifica “*Eu não sou suficiente*” também quando os pais possuem outros filhos, dado igualmente abordado por

Worden (1996). Os pais de ambos participantes não tiveram outro filho após a perda, porém o tema esteve presente. No caso de R., este fato não foi bem esclarecido. O “*Eu não pertença*” não foi percebido diretamente em suas falas, porém, ambos tiveram alguma sensação de estranhamento, a percepção da alteração de normalidade na rotina e na dinâmica familiar.

Sentimentos de ansiedade, solidão e ciúmes em relação aos pais, ao irmão doente e a eles mesmos foram percebidos, em acordo com Nolbris e Hellstrom (2005). No relato dos participantes, foi difícil perceber e identificar sentimentos da época devido à passagem do tempo.

Nolbris e Hellstrom (2005) abordam a escola e a prática da leitura como refúgio para irmãos enlutados, que funcionam como períodos de intervalo de seus processos de luto. O primeiro participante retratou a procura de refúgio, encontrando na escola um local de distração dos aspectos do luto. Ele conta que o ano em que perdeu o irmão foi “o melhor ano da escola”, dado que demonstra que a perda do seu irmão não teve impacto em seu rendimento escolar.

A perda de um irmão é considerada uma “dupla perda”, pois, além do próprio luto, o indivíduo lida com os pais enlutados (DAVIES, 1999). No estudo de Barrera et al. (2013), foi percebido que irmãos sobreviventes se preocupavam com o bem-estar dos pais, principalmente o da mãe. Isso foi constatado na fala dos dois participantes. Esses relataram a percepção de mudanças na família e nos pais como resultado da morte do irmão. Para os dois, tais mudanças foram mais consideravelmente observadas nas atitudes de suas respectivas mães.

A comunicação possui papel importante na elaboração da perda de uma família (DAVIES, 1999; STEBBINS; BATROUNEY, 2007). O “silêncio” e a dificuldade de falar sobre a perda foram presentes para ambos os participantes, demonstrando uma lacuna em tal aspecto, principalmente em relação à mãe, a qual, em ambos os casos, era a figura principal.

Em consonância com os estudos de longo prazo de Davies (1995; 1999) nas entrevistas foram pontuadas a curiosidade e a percepção de como a vida seria diferente se o irmão estivesse vivo. Neste estudo, chamamos de fantasia os aspectos projetivos de tal percepção e de curiosidade a imaginação de como seria a relação.

Miles (2011), em seus estudos de luto de irmão, deparou com a inabilidade de seus participantes de lidar com a morte. Em nossa pesquisa, R. conta que possui dificuldades no trabalho e em ambiente hospitalar, e que possui dificuldades de lidar com o tema. P. também referiu que a morte do seu irmão interferiu na maneira como ele lida com a morte de um modo geral.

Como resultado a longo termo da perda de um irmão na infância, Davies (1999) aponta que essa experiência pode evocar sentimento de maturidade, experiência de crescimento pessoal e crescimento psicológico. Robinson e Mahon (1997) destacam mudanças na visão de mundo, alterações nas responsabilidades e nas características da personalidade. O primeiro participante aborda ter amadurecido por ter vivido tal experiência, o que não foi identificado no relato de R. Ao contrário, no que se refere ao “crescimento pessoal”. a participante apresenta como resposta à perda da irmã a dificuldade de lidar com morte.

O vínculo contínuo permanece remanescente como uma parte integrada a quem a pessoa se torna, as memórias vivenciais são integradas continuamente ao desenvolvimento do indivíduo que sofreu a perda. (FOSTER et al., 2012; NAUMANN, 2015; PACKMAN et al., 2006; NOLBRIS; HELLSTROM, 2005).

Os dois participantes apresentaram outros aspectos que foram manifestados durante a entrevista. Em alguns momentos, os participantes abordaram o irmão(ã) como ainda presente, e em outros, como se não fizesse mais parte de sua vida. Como apresentado, o *status* de irmão não acaba com a morte; a relação continua e isso é abordado por DeVita-Raeburn (2007), que afirma que irmãos são parte da nossa identidade, para nos lembrar quem somos nós, é necessário fazer referência ao(s) irmão(s).

O impacto da perda do irmão na escolha da carreira foi retratado Miles (2010) como parte de seus achados. Segundo a pesquisadora, alguns de seus participantes relataram que a experiência da perda pode tê-los influenciado na vontade de ajudar os outros. A escolha da carreira não está presente no discurso dos participantes no presente trabalho, mas ambos abordaram atividades que realizaram como sendo decorrentes da perda. Por exemplo, R. aborda o desejo de trabalhar com crianças em consultório como consequência da perda de sua irmã, e P., por sua vez, aborda, em um primeiro momento, a escolha da psicologia como profissão, porém, em um segundo momento, cita somente a eleição do trabalho voluntário assistencial que realiza até hoje como influenciada pela perda.

De acordo com Davies (1999), um dos suportes a ser oferecido à criança enlutada é a psicoterapia. Esta, segundo Krell e Rabkin (1979), possui papel importante para trabalhar com as famílias as questões não resolvidas do luto. Os dois participantes apresentaram a psicoterapia como lugar para falar e entrar em contato com a perda, trabalhar aspectos projetivos em relação ao irmão e trabalhar os conflitos familiares subsequentes do luto.

A memória sobre o processo de luto de P. apresenta características das lembranças de alguém que fez terapia em diferentes momentos ao longo da vida, possibilitando a ele entrar em contato com o luto mais de uma vez, atribuindo-lhe novos significados.

Miles (2010) retrata que em sua pesquisa a culpa não foi tema predominante nas falas dos seus participantes, embora estivesse presente. Em nosso estudo, não foi possível identificar a questão da culpa de sobrevivente.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo exploratório se dispôs a investigar o processo de luto do agora adulto jovem que perdeu um irmão na infância. Por meio da técnica de entrevista de grupo, levantamos aspectos provenientes da memória evocada sobre os acontecimentos e as reações da época em que ocorreu a perda, bem como as questões atuais relacionadas a esta.

O processo de luto pela perda de um irmão é multifacetado, engloba aspectos individuais, situacionais e fatores ambientais psicossociais (DAVIES, 1999). Tais fatores foram considerados no presente trabalho para a compreensão do processo a longo termo.

A revisão da literatura foi de extrema importância para balizar o caminhar da pesquisa, determinando e guiando sua parte prática.

Por meio do método “bola de neve”, encontramos participantes de diferentes áreas de trabalho, porém, somente dois participantes aceitaram colaborar com a pesquisa, ambos da área da Psicologia. Todos os outros que se enquadravam em nossos critérios de inclusão eram de outras áreas de trabalho. Assim, podemos pensar que participar de uma pesquisa sobre luto de irmão pode ter relação com a valorização do tema, bem como a conscientização da importância da colaboração com uma pesquisa nessa área.

Dentre os possíveis participantes encontrados, aqueles contatados e que se incluíam nos critérios adotados, a maioria negou a participação na pesquisa. Entre eles, alguns pararam de responder, outros dois afirmaram “não estar com cabeça para pensar nisso no momento”, um estava mudando de casa, outro ia se casar em breve e um terceiro participante propôs a mudança do tema da pesquisa, sugerindo vários outros temas. Tais dados nos revelam que falar sobre a perda de um irmão na infância não é algo que se lembra ou se esquece com facilidade, mas que permanece na passagem do tempo, apesar da tentativa de deixar isso junto ao passado. Os dois participantes que deram como justificativa o casamento e a mudança evidenciam que, em fases críticas do ciclo vital, a perda do irmão, muitas vezes, é evitada.

A dificuldade em encontrar irmãos enlutados para a presente pesquisa ressalta a complexidade de versar sobre a perda. Em função disso, a amostra encontrada para a pesquisa foi pequena. Porém, por se tratar de um estudo qualitativo exploratório, foi possível investigar e aprofundar questões específicas da perda de um irmão.

A pesquisa contou com um único encontro, no qual foi realizada entrevista de grupo de maneira semidiretiva. Utilizamos um roteiro de entrevista, o qual permitiu que os temas fossem surgindo de forma que os participantes pudessem abordá-los livremente. Procuramos conduzir o encontro de maneira que eles se soltassem e falassem sobre suas histórias abertamente, proporcionando um espaço seguro para os participantes.

É importante salientar que as duas pessoas participantes são da área da Psicologia e no momento da pesquisa estavam em processo terapêutico individual. De certa forma, elas encontraram espaço no decorrer da vida para entrar em contato com esse luto, o que permitiu estarem mais disponíveis para falar sobre o tema .

O encontro foi também um espaço onde eles puderam falar abertamente, suscitando memórias e dados que possibilitaram reflexão, de maneira interventiva mesmo que este não fosse o propósito. Ambos se soltaram durante a entrevista e demonstraram que falar sobre a perda do irmão é benéfico. No final desta, eles agradeceram a oportunidade de participar.

Apesar das dificuldades encontradas para a execução de grupos com este fim, a realização do trabalho grupal com a temática sobre o luto do irmão pode ser considerado importante e produtivo. O presente trabalho buscou lidar no presente com o fato do passado e sua memória. A criança interna do jovem adulto pôde ser revisitada e acolhida.

Quanto à análise, esta foi realizada separadamente, o que proporcionou uma observação mais acurada das diferenças e similaridades do processo de luto pela perda de um irmão de cada participante. A história de vida, o ambiente familiar e o processo de luto são únicos e subjetivos, embora haja pontos em comum em tais processos.

A morte de uma criança pode ser um fator desestabilizador na vida de cada membro e na família como um todo. Assegurar a criança de que os pais/cuidadores ficam tristes pela perda do filho amado e que a criança não é responsável por isso é

de extrema importância. O ajustamento se faz necessário a partir do surgimento de novas responsabilidades e de novos papéis dentro do sistema familiar. É função dos pais e/ou cuidadores proporcionar um ambiente seguro para que a criança possa se expressar da melhor maneira que consegue. Ressaltamos aqui novamente que cada indivíduo possui sua própria forma de enlutar e é essencial reconhecer os diferentes caminhos dentro de uma mesma família. Não são somente aqueles que apresentam reações negativas ou incômodas que possuem dificuldades.

As condições ambientais da criança enlutada são, portanto, um fator crítico para seu desenvolvimento. Reassegurar à criança de que o mundo é seguro é primordial. Nesse sentido, o suporte pode ser necessário não somente à criança, mas a toda a família.

Outro fator indispensável é a comunicação, que, quando eficaz desde o início, possibilita a compreensão dos acontecimentos, os esclarecimentos em relação a sentimentos, emoções e posicionamentos criativos frente às dificuldades encontradas no decorrer do luto.

Finalmente, quanto ao propósito de compreender a perda na infância por meio do relato do adulto jovem, ressaltando que estamos longe de esgotar tal tema, podemos destacar que alguns pontos importantes foram encontrados no trabalho. Nem todas as pessoas vivenciam o mesmo, da mesma maneira e na mesma ordem. São eles:

Luto de irmão é luto não reconhecido (MARSHALL; DAVIES, 2011; DEVITA-RAEBURN, 2007) e isso foi afirmado a partir do relato de ambos os participantes. O luto dos pais afeta diretamente a criança enlutada e o ambiente em que esta vai se desenvolver. Nos dados aqui apresentados, o luto da mãe, especificamente, foi muito presente para ambos os participantes. A figura da mãe foi a mais trazida por eles, por ser a figura principal de apego.

A construção de significado ocorre conforme a compreensão da morte e da perda à luz da idade e do desenvolvimento.

Pensando no desenvolvimento da criança, que perde um irmão na infância e que passa pela adolescência, há diferentes suportes a serem oferecidos e todos têm suas especificidades, são eles: pelos pais, pela família extensa, pela comunidade, amigos e escola. O primeiro participante pontuou como foi importante a escola e as atividades complementares exercidas para o curso do seu luto.

Ter outro filho foi ideia presente ou pelo menos abordada em uma família que perde uma criança. A recorrência do luto ocorre e é natural, podendo também ser positivo para o curso do luto. A ambiguidade pode ou não estar entre as respostas do luto pela perda de um irmão. Podemos afirmar que este fator pode estar presente e depender do grau de compreensão e esclarecimento sobre a morte, a perda e questões relacionadas a esta.

Para aquele que perde o irmão, as percepções sobre o falecido estão sempre presentes como fantasias e curiosidades em relação à pessoa perdida e ao relacionamento.

A vivência de vínculo contínuo pela perda de irmão é natural e tem como objetivo integrar a perda vivida de maneira que reestruture os desdobramentos contínuos da vida. Nesse sentido, o vínculo contínuo pode proporcionar conforto ao enlutado, e a continuação de uma conexão saudável com o falecido contribui para a construção de um novo relacionamento, podendo mudar com o passar do tempo.

A cultura, as crenças e a religião possuem papel importante, podendo ser facilitadores do processo de luto, possibilitando a construção de significado ou como forma de manter conexão com o falecido, seja a partir de atividades realizadas ou com preces, como apresentado pelo primeiro participante.

A terapia foi citada como um espaço importante para lidar com as perdas. Do mesmo modo, ter feito ou não terapia foi citado como um fator determinante para a compreensão do luto. Em nossa amostra, considerada tendenciosa, uma vez que todos os participantes fizeram terapia, não houve espaço nem possibilidade para estudar essa questão. Porém, observamos uma relação no tocante a aderência dos participantes, ou seja, pessoas que fazem ou fizeram terapia, e sua disponibilidade para falar sobre o luto do irmão.

Limites foram encontrados no decorrer da pesquisa, como a dificuldade da participação de irmãos enlutados e o pequeno número de pessoas disponíveis para falar sobre o assunto, o que restringe o alcance dessa pesquisa sobre processo de luto pela perda de um irmão.

Durante o desenvolvimento da presente pesquisa, surgiram questões que não puderam ser desenvolvidas. Como contribuição deste trabalho, seguem temas que nela surgiram e que ficam como sugestões para futuras pesquisas. São elas:

- 1) Como determinar se as decisões na fase adulta sofreram interferências da perda do irmão vivida pela pessoa durante a infância.
- 2) Há relação na independência de vida dos adultos jovens com a perda de um irmão na infância?
- 3) Como se dá a percepção do reconhecimento do enlutado acerca da eficácia do suporte que lhe foi oferecido na época da perda.

Por fim, ressaltamos a importância de que novas e complementares pesquisas sejam realizadas sobre este tema, com maior número de participantes e em diferentes fases do ciclo vital, para que se possa compreender mais amplamente o processo de luto e suas especificidades não apenas na fase adulta, mas também em outras fases.

REFERÊNCIAS

- AKARD, T. F. et al. A; Factors affecting recruitment and participation of bereaved parents and siblings in grief research. **Progress in Palliative Care**, v. 22, n. 2, p. 75-79, 2014.
- ANDRADE, M. L. **Depois do temporal**: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais. 2013 71p. Dissertação (Mestrado em Ciências/Psicologia), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.
- BANK, S. P.; KAHN, M. D. **The sibling bond**. New York: Basics Books, 1997.
- BARASUOL, R. B. **O luto por um irmão**: vivências da espiritualidade. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012. p. 208.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. (Trad. de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro). Martins Fontes: São Paulo, 1977.
- BARRERA, M. et al. Parental perceptions of siblings' grieving after a childhood cancer death: a longitudinal study. **Death studies**, Routledge: Taylor and Francis Group, Philadelphia, n. 37, p. 25-46, 2013.
- BAUM, N. L.; GINAT, R. S.; SILVERMAN, P. R.; Childhood bereavement and traumatic loss. In: PAT-HORENCZYK, R.; BROM, D.; VOGEL, J. M. **Helping children cope with trauma**: individual, Family and community perspectives. New York: Routledge, 2014, p. 66-78.
- BOLTON, J. M. et al. Bereavement after sibling death: a population-based longitudinal case-control study. **World Psychiatry**, n. 15, v. 1, p. 59-66, 2016.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2 n. 1, p. 68-80, 2005.
- BOSS, P. A perda ambígua. In: WALSH, F.; MCGOLDRICK, M.: **Morte na Família**: sobrevivendo às perdas. (Trad. Cláudia Oliveira Dornelles). Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 187-198.

BOUSSO, R. S. et al. Crenças religiosas, doença e morte: perspectiva da família na experiência de doença. **Rev. Esc. Enfermagem da USP**, São Paulo, n. 45, v. 2, p. 397-403. 2011.

BOWEN, M. A reação da família à morte. In: WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **Morte na Família: sobrevivendo às perdas**. (Trad. Cláudia Oliveira Dornelles). Porto Alegre: ArtMed, 1998, p. 105-117.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. (1982) (Trad. Álvaro Cabral; revisão da tradução Luis Lorenzo Rivera). 5a. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BRADT, J. O. Tornando-se Pais: Famílias com filhos pequenos. In: CARTER, B; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 1995. p. 206-221.

BROWN, E. J.; GOODMAN, R. F. Childhood Traumatic Grief: An Exploration of the Construct in Children Bereaved on September 11. **Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology**, v. 34, n. 2, p. 248-259, 2005.

BROWN, F. H. O impacto da Morte e da Doença Grave sobre o Ciclo de Vida Familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar – uma estrutura para a terapia familiar**. 2 ed. (Trad. Adriana Veríssimo Veronese). Porto Alegre: Artmed, 1995. p. 321-341.

BUCKLE, J. L.; FLEMING, S. J. Parenting Challenges After the Death of a Child. In: NEIMEYER, R. A. et al. **Grief and Bereavement in contemporary society: Bridging research and practice**. New York: Routledge, 2011a. p. 93-105.

BUCKLE, J. L.; FLEMING, S. J. **Parenting after the death of a child: a practitioner's guide**. New York: Routledge, 2011b.

CASELATTO, G. Luto não reconhecido: O fracasso da empatia nos tempos modernos. In: _____ (org.). **O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus, 2015. p. 15-28.

CERVENY, C. M. O. Ciclo Vital. In: _____. **Família e o ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 23-45.

CHARLES, D. R.; CHARLES, M. Sibling Loss and Attachment Style: An Exploratory Study. **Psychoanalytic Psychology**, v. 3, n. 1, p. 72-90, 2006.

CICIRELLI, V. G. Sibling Relationships in Cross-Cultural Perspective. **Journal of Marriage and the Family**, v. 56, p. 7-22, 1994.

CICIRELLI, V. G. **Sibling relationships across the life span**. New York: Plenum Press, 1995.

CONSELHO FEDERAL PSICOLOGIA. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. **Resolução CFP Nº 016/2000**. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/portal/orientacao/resolucoes_cfp/fr_cfp_016-00.aspx>. Acesso em: 20 jan. 2016.

COOPER, R. Complicated Grief: philosophical perspectives. In: STROEBE, M.; SCHUT, H.; VAN DEN BOUT, J. (eds). **Complicated Grief: scientific foundations for health care professionals**. Routledge, New York: 2013. p. 13-26.

CORR, C. A. What do We Know About Grieving Children and Adolescents? In: DOKA, J. K. **Living with grief: Children, Adolescents and Loss**. Hospice Foundation of America, 2000. p. 21-32.

DAVIES, B. Long term effects of sibling death in Childhood. In: ADAMS, D.; DEVEAU, E. **Beyond the innocence of childhood**. – Helping children and adolescents cope with death and bereavement (v. 3). Amityville (NY): Baywood, 1995. p. 89-98.

DAVIES, B. **Shadows in the Sun: Experiences of Sibling Bereavement in Childhood**. Philadelphia (USA): Brunner/Mazel, 1999.

DAVIES, B. Sibling Bereavement: We are grieving too. In: DOKA, J. K. **Living with grief: Children, Adolescents and Loss**. Hospice Foundation of America: Washington, D.C., 2000, p. 231-242.

DAVIES, B.; LIMBO, R. The Grief of Siblings. In: WEBB, N. B. (edited by); DOKA, K. J. (foreword by). **Helping Bereaved Children: A Handbook for Practitioners** (1993). 3^a ed. New York: The Guilford Press, 2010. p. 69-90.

DEVITA-RAEBURN, E. **The Empty room: understanding sibling loss**. New York: Scribner, 2007.

DAWSON, S.; MANDERSON, L.; TALLO, V. L. UNDP/World Bank/WHO Special Programme for Research and Training in Tropical Diseases as: **The Focus Group Manual: Methods for Social Research in Tropical Diseases No. 1 (TDR/SER/MSR/92.1)**. International Nutrition Foundation for Developing Countries (INFDC): Boston (USA), 1993.

DICKENS, N. Prevalence of Complicated Grief and Posttraumatic Stress Disorder in Children and Adolescents Following Sibling Death. **The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families**, Minneapolis, v. 22, n. 1, p. 119-126, 2014.

DOKA, J. K. Disenfranchised Grief in Historical And Cultural Perspective. In: STROEBE, M. S. et al. **Handbook of Bereavement research and practice: advances in theory and intervention**. American Psychological Association: Washington, D.C., 2008. p. 223-240.

DOKA, J. K. How Could God?: Loss and the Spiritual Assumptive World. In: KAUFFMAN, J. (org.) **Loss of the assumptive world: a theory of traumatic loss**. New York: Brunner-Routledge, 2002. p. 49-54.

ERIKSON, E. **Childhood and Society**. (2nd Ed.). New York: Norton, 1963.

FIELD, N. P. Whether to Relinquish or Maintain a Bond with the Deceased. In: STROEBE, M. S. et al. **Handbook of Bereavement research and practice: advances in theory and intervention**. American Psychological Association: Washington, D.C., 2008. p. 113-132.

FOSTER, T. L. et al. Changes in Siblings after the Death of a Child from Cancer. **Cancer Nurs.** 2012, n. 35, v. 5, p. 347-354.

FRANCO, M. H. P. Por que estudar luto na atualidade? In: FRANCO, M. H. P. (org.). **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010, p. 17-42.

GILMER, M. J. et al. Changes in Parents After the Death of a Child From Cancer. **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 44, n. 4, 2012, p. 572-582.

HOGAN, N.; DESANTIS, L. Basics Constructs of a Theory of Adolescent a Bereavement. In: KLASS, D.; SILVERMAN, P. R.; NICKMAN S. L.: **Continuing bonds: New understandings of Grief**. New York: Routledge, 1996, p. 235-252.

IMBER-BLACK, E. Os rituais e o Processo de Elaboração. In: WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **Morte na Família: sobrevivendo às perdas**. (Tradução Cláudia Oliveira Dornelles). Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 229-245.

IRENAUS, E. E. **Human Ethology**. New York: Aldine de Gruyter, 1989.

IZQUIERDO, I. Memórias. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, 1989.

JOHNS, S. The Role of the School. In: DOKA, J. K. **Living with grief: Children, Adolescents and Loss**. Hospice Foundation of America, 2000, p. 77-86.

KASTENBAUM, R. Grieving in Contemporary Society. In: STROEBE, M. S. et al. **Handbook of Bereavement research and practice: advances in theory and intervention**. American Psychological Association: Washington, D.C., 2008. p. 67-85.

KEMPSON, D.; MURDOCK, V. Memory Keepers: A Narrative Study on Siblings Never Known. **Death Studies**, n. 34, v. 8, p. 738-756, 2010.

KLASS, D.; CHOW, A. Y. M. Culture and Ethnicity in Experiencing, Policing, and Handling Grief. In: NEIMEYER, R. A. et al. **Grief and Bereavement in contemporary society: Bridging research and practice**. New York: Routledge, 2011, p. 341-353.

KRELL, R.; RABKIN, L. The Effects of Sibling Death on the Surviving Child: A Family Perspective. **Fam. Proc.**, n. 18, p. 471-477, 1979.

KOVÁCS, M. J. A morte no contexto escolar: desafio na formação de educadores. In: FRANCO, M. H. P (org.). **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade**. São Paulo: Summus, 2010, p. 145-168.

LUECKEN, L. J. Long-Term Consequences of Parental Death in Childhood: Psychological and Physiological Manifestations. In: STROEBE, M. S. et al. **Handbook of Bereavement research and practice: advances in theory and intervention**. American Psychological Association: Washington, D.C., 2008. p. 397-416.

MARSHALL, B.; DAVIES B.; Bereavement in Children after the Death of a Child. In: NEIMEYER, R. A. et al. **Grief and Bereavement in contemporary society: Bridging research and practice**. New York: Routledge, 2011. p. 107- 116.

MCCOWN, D. E. Funeral attendance, cremation, and young siblings. **Death Education**, n. 8, p. 349-363, 1984.

MILES, L. M. **Continuing bonds: childhood sibling loss and its perceived long-term outcomes: a project based upon an independent investigation** 2010. 511 p. Theses, Dissertations, and Projects, Smith College, Massachusetts.

MORRIS, A. T.; et al. The Indirect Effect of Positive Parenting on the relationship between Parent and Sibling Bereavement Outcomes After the Death of a Child. **Journal of Pain and Symptom Management**, v. 51, n. 1, p. 60-70, 2016.

MURPHY, S. A. The Loss of a Child: Sudden Death and Extended Illness Perspectives. In: STROEBE, M. S. et al. **Handbook of bereavement research: Consequences, coping, and care**. Washington, D.C.: American Psychological Association, 2008. p. 375- 395.

NATIONAL CHILD TRAUMATIC STRESS NETWORK CHILD TRAUMATIC GRIEF COMMITTEE. (2009). **Sibling Loss Fact Sheet Sibling Death and Childhood Traumatic Grief: Information for Families**. Los Angeles, CA & Durham, NC: National Center for Child Traumatic Stress.

NADEAU, J. W. Meaning-Making in Bereaved Families: Assessment, Intervention, and Future Research. In: STROEBE, M. S. et al. **Handbook of Bereavement research and practice: advances in theory and intervention**. American Psychological Association: Washington, D.C., 2008. p. 511-530.

NAUMANN, E. E. **A Retrospective Examination of Sibling Bereavement Counseling for Children Ages 6-18**. Thesis, Child and Family Studies, College of Health Sciences and Professions of Ohio University, August, 2015, p.105.

NEIMEYER, R. A. (Ed.). **Meaning reconstruction and the experience of loss**. Washington, D.C.: American Psychological Association, 2001.

NOLBRIS, M.; HELLSTROM, A-L. Siblings Needs and Issues When a Brother or Sister Dies of Cancer. **Journal of Pediatric Oncology Nursing**, v. 22, n. 4, Minneapolis. p. 227-233, 2005.

OLIVEIRA, A. L. **Irmãos, meio-irmãos e coirmãos: a dinâmica das relações fraternas no recasamento**. 2005. 371 p. Tese (Doutorado Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, A. L.; CERVENY, C. M. O. **Irmãos, Meio-irmãos e Coirmãos: A dinâmica das relações fraternas no recasamento**. Curitiba: Juruá, 2010.

OLTJENBRUNS, K. A. Developmental context of childhood: Grief and regrief phenomena. In: STROEBE, M. S. et al. **Handbook of bereavement research: Consequences, coping, and care**. Washington, D.C.: American Psychological Association, 2001, p. 169-197.

PACKMAN, W. et al Sibling Bereavement and Continuing Bonds. **Death Studies**, n. 30, p. 817-841, 2006.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2ª ed. Sage Publications, Inc.: Beverly Hills, CA., 1990.

PARKES, C. M. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta (1996). (Tradução Maria Helena Franco). 3ª ed. São Paulo: Summus, 1998.

PARKES, C. M. "Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações". [Tradução Maria Helena Franco]- São Paulo: Summus, 2008.

PIAGET, J. **The language and thought of the child**. London: Routledge & Kegan Paul, 1959

RANDO, T. A. et al. A call to the field: Complicated Grief in the DSM-5. *Omega*, v. 65, n. 4, p. 251-255, 2012.

RANDO, T. A. On achieving clarity regarding complicated grief: lessons from clinical practice. In: STROEBE, M.; SCHUT, H.; VAN DEN BOUT, J. (eds). **Complicated Grief**: scientific foundations for health care professionals. Routledge, New York: 2013. p. 40-54.

RAMOS, S. B. O Luto Fraternal durante a Infância e a Adolescência: Revisão Integrativa da Literatura. **Revista Pensar Enfermagem**, v. 19, n. 2, p. 3-17, 2015.

RELVAS, A. P. **Por detrás do Espelho**: da Teoria a Terapia com a Família. Coimbra: Quarteto, 2ª edição, 2003.

RELVAS, P.; ALARCÃO, M. **Novas formas de família**. Coleção Psicologia Clínica e Psiquiatria. 2ª ed. Coimbra: Quarteto, 2007.

REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. (Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

ROBINSON, L.; MAHON, M. Sibling Bereavement: A Concept Analyses. **Death Studies**, n. 21, p. 477- 499, 1997.

ROSENBLATT, P. C. Grief That Does not End. In: Edited by: KLASS, D.; SILVERMAN, P. R.; NICKMAN S. L. **Continuing bonds**: New understandings of Grief. New York: Routledge, 1996. p. 45-57.

ROSENBLATT, P. C. The concept of complicated grief: lessons from other cultures. In: STROEBE, M.; SCHUT, H.; VAN DEN BOUT, J. (eds). **Complicated Grief: scientific foundations for health care professionals**. Routledge, New York: 2013. p. 27-39.

SALMAZO-SILVA, H. et al. As representações da Morte e do Luto no Ciclo de Vida. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, "Finitude/Morte e Velhice", n. 15, v. 4, p. 185-206, 2012.

SANDLER, I. N. et al. Linking theory and intervention to promote resilience in parentally bereaved children. In: STROEBE, M. S. et al. **Handbook of bereavement research: Consequences, coping, and care**. American Psychological Association. Washington D.C., 2001, p. 531- 550.

SILVERMAN, P. R.; KLASS, D. Introduction: What's the Problem? In: KLASS, D.; SILVERMAN, P. R.; NICKMAN S. L.: **Continuing bonds: New understandings of Grief**. New York: Routledge, 1996, p. 3-23.

SHERAS, P. L. Grief and Traumatic Loss: What Schools Need to Know and Do. In: DOKA, J. K. **Living with grief: Children, Adolescents and Loss**. Hospice Foundation of America, 2000, p. 275-290.

SOUZA, R. M; RAMIRES, V. R. **Amor, casamento, família divórcio... e depois, segundo as crianças**. São Paulo: Summus, 2006.

SOUZA, R. M.; MACIEL JUNIOR, P. de A.; LIMA, M. T. de A. A fratria na vida adulta. In: GARCIA, A.; WILSON, J. E.; PEREIRA F. N. (org.) **Relacionamento interpessoal: Temas contemporâneos**. 1ª ed. Vitória: EFES, 2013, p. 148-155.

STEBBINS, J.; BATROUNEY, T. **Beyond the death of a child: Social impacts and economic costs of the death of a child**. The Compassionate Friends Victoria Inc.: Canterbury Victoria Australia, 2007.

STEVENSON, R. G. The Role of The Death Education in Helping Students To Cope With Loss. In: DOKA, J. K. **Living with grief: Children, Adolescents and Loss**. Hospice Foundation of America, 2000, p. 195-205.

STROEBE, M. et al. Broken hearts or broken bonds? In: KLASS, D.; SILVERMAN, P. R.; NICKMAN S. L.: **Continuing bonds: New understandings of Grief**. New York: Routledge, 1996, p. 31-43.

STROEB, M. S.; SCHUT, H. The dual process model of coping with bereavement: Rationale and description. **Death Studies**, n. 23, p. 197-224, 1999.

SVEEN, J. et al. They still grieve – a nationwide follow-up of young adults 2-9 years after losing a sibling to cancer. **Psycho-Oncology**, n. 23, p. 658-664, 2014

WAHBA, L. L. “Mano: Um ensaio sobre o amor fraterno”. **Junguiana**; Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. São Paulo, n. 11, 1993, p. 10-19.

WALSH, F.; MCGOLDRICK, M.: A perda e a família: uma perspectiva sistêmica. In: WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **Morte na Família: sobrevivendo às perdas** (Tradução Cláudia Oliveira Dornelles). Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 27- 55.

WORDEN, W. J. **Children and Grief: When a parent dies**. New York: The Guilford Press, 1996.

WORDEN, J. W. **Grief Counseling and Grief Therapy: a handbook for the mental health practitioner**. 4th ed. New York: Springer Publishing Company, 2009.

WORDEN, W. J.; DAVIES, B.; MCCOWN, D. Comparing parent loss with sibling loss. **Death Studies**, n. 23, v.1, p. 1-15, Philadelphia, 1999.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

- 1) Como foi a perda?
- 2) Como é para você conviver com a experiência de ter perdido um irmão?
- 3) Fez terapia? Na época ou depois?
- 4) Quando pensa no irmão? Com que frequência pensa no irmão? Quando sente falta?
- 5) Do suporte oferecido, como você reconhece?
- 6) Houve intenção ou tentativa de ter outro filho após a perda?
- 7) Acredita que faz algo por conta da perda?

APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____,
RG _____, concordo em participar voluntariamente da pesquisa: *A percepção de adultos jovens sobre a perda de um irmão na infância: um estudo exploratório* que possui como objetivo compreender o processo de luto da perda de um(a) irmão(ã), ocorrida na infância, para o adulto jovem, realizada pela psicóloga Gabriella Costa Pessoa, CRP 06/112796, para obtenção do título de Mestre em Psicologia pelo Programa de Estudos em Pós-Graduação de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Com este objetivo, será realizado um grupo focal em um único encontro com duração de aproximadamente duas horas e a participação de outras pessoas que vivenciaram a mesma experiência. No grupo, falaremos sobre a perda do(a) irmão(ã) e os significados atribuídos a esta a longo prazo, possibilitando a compreensão do objetivo do estudo.

Este procedimento não deve causar danos à saúde física ou psíquica. Estou ciente de que a minha participação é livre e, caso não haja mais interesse em participar da pesquisa, posso sair dela sem a ocorrência de qualquer prejuízo pessoal.

O sigilo sobre a identidade e a privacidade dos participantes são garantidos por este termo. O grupo será gravado e posteriormente transcrito para fins de pesquisa.

A pesquisadora está à disposição para qualquer esclarecimento, ou, em caso de necessidade, para apoio ou suporte psicológico. Estou ciente de que posso entrar em contato com a pesquisadora pelo o correio eletrônico gabriellapessoa@hotmail.com ou pelo telefone (011) 9 4119 5801 e com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP pelo telefone (11) 3670 8466 ou e-mail: cometica@pucsp.br.

Declaro, para os devidos fins, que recebi explicação sobre os objetivos e detalhes da pesquisa. Ficarei com uma cópia deste termo. Concordo em participar deste estudo, contribuindo para a pesquisa do tema abordado.

São Paulo, ____ de _____ de 2016.

Nome:

E-mail:

Telefone: